

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**FORA ARRUDA: UMA ETNOGRAFIA DO MOVIMENTO FORA ARRUDA E TODA
MAFIA DURANTE A OCUPAÇÃO DA CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO
FEDERAL**

Autor: Gabriel Ozorio de Almeida Soares

Brasília, março 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**FORA ARRUDA: UMA ETNOGRAFIA DO MOVIMENTO FORA ARRUDA E TODA
MAFIA DURANTE A OCUPAÇÃO DA CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO
FEDERAL**

Autor: Gabriel Ozorio de Almeida Soares

Monografia de graduação apresentada ao Departamento
de Antropologia da Universidade de Brasília

Brasília, março 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**FORA ARRUDA: UMA ETNOGRAFIA DO MOVIMENTO FORA ARRUDA E TODA
MAFIA DURANTE A OCUPAÇÃO DA CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO
FEDERAL**

Autor: Gabriel Ozorio de Almeida Soares

Orientadora: Profa. Dra. Antonádia Monteiro Borges
(Departamento de Antropologia da UnB)

Banca: Profa. Dacia Ibiapiana
(Faculdade de Comunicação - UnB)

Brasília, março 2012

Resumo

Na história política brasileira pós-ditadura muitos movimentos surgiram, cuja pauta envolvia a remoção de um político do seu cargo, como por exemplo o Fora Collor, o Fora Timothy, o Fora Gilmar e o Fora Sarney, entre outros. O presente trabalho analisa o movimento Fora Arruda, que em 2009 e 2010 pautava a remoção do então governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, junto com outros membros de sua administração, envolvidos no esquema de corrupção conhecido como o “mensalão do DEM” (Partido Democratas). A análise foca nos participantes do movimento, suas interpretações, trajetórias e nas tensões que surgiram dentro da ocupação da Câmara Legislativa do DF. Entre as teorias aplicadas está o conceito psicológico de dissonância cognitiva.

Palavras-chave: Fora Arruda, Movimentos Sociais, Trajetórias, Corrupção, Protestos

Abstract

In Brazil's post-dictatorship political history many social movements emerged with demands involving the removal of political figures from office (Out with Collor, Out with Gilmar, Out with Timothy, Out with Sarney). This paper analyses the Out with Arruda movement that in 2009 and 2010 demanded the ousting of then-governor of the Federal District José Roberto Arruda, together with other members of his administration involved in a corruption racket known as the DEM's Monthly Payday (Dem is short for Democratas, a political party). The analysis focuses on the participants of this movement, their interpretations, trajectories and the tensions that emerged during the occupation of the Legislative Chamber of the Federal District. To better comprehend these dynamics, the concept, originally from psychology, of cognitive dissonance is employed.

Sumário

INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
José Roberto Arruda	8
O Governo Arruda	11
A Caixa de Pandora.....	14
Dissonância Cognitiva	16
CAPITULO I.....	19
Movimento Social	19
Abayomi.....	21
Paique	22
Raul.....	24
Luana.....	24
Entrada	25
Autônomos.....	27
Talitha.....	29
Forra Arruda e Toda Máfia	30
O Rei Injusto	32
CAPÍTULO 2.....	35
Reintegração de Posse	35
Assembleias.....	38
Luiza	42
Reunião.....	44
Sábado	45

Domingo.....	47
Guto	48
Álcool e Perigo	51
A Cadeira.....	54
Segunda-Feira.....	55
Antes do Fim.....	57
Demissão	59
Desocupação	59
Fratricídio.....	61
EPÍLOGO.....	65
Prisão	65
Epílogos	67
COMENTÁRIOS FINAIS	71
Metodologia	71
O Homem do Submundo	72
APÊNDICE I- MAPA DA OCUPAÇÃO	76
APÊNDICE II- ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO FORA ARRUDA E TODA MÁFIA	77
BIBLIOGRAFIA	78

Introdução

Esta não é a primeira versão desta monografia, nem a versão definitiva. As primeiras edições deste texto eram mais descritivas, mais emotivas e mais urgentes. Havia uma presença constante minha, onde eu estava, o que estava fazendo etc. Em grande parte, este processo de revisão tem sido um processo de remoção do “eu” desta monografia, um distanciamento.

Com esta mudança narrativa, houve também uma mudança tonal. Acho que grande parte disto pode ser explicado, simplesmente, pelo distanciamento temporal entre os acontecimentos e a escrita: eventos que antes eram urgentes se encontram mais longínquos, etc. Isso remete à relação entre formato e conteúdo: a monografia em si é em grande parte um reflexo da situação onde ela é escrita. Quando o Fora Arruda ainda estava acontecendo, esta era uma monografia do Fora Arruda, para o Fora Arruda, entrelaçada com os problemas, inquietações, disputas e tensões do movimento. Agora, três anos depois, é algo diferente.

Antes de começar a análise sobre o Movimento Fora Arruda, é importante fazer um resumo histórico da situação política do Distrito Federal, capital do Brasil. Esta introdução visa não só resumir o Governo Arruda, mas também a trajetória política de José Roberto Arruda e da narrativa que vinha sendo construída sobre seu governo.

José Roberto Arruda

José Roberto Arruda nasceu no dia 5 de janeiro de 1954, no município de Itajubá em Minas Gerais. Formou-se em Engenharia Elétrica em 1976. Sua carreira política começou em 1979, como diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap)¹, nomeado por João Baptista Figueiredo, durante a gestão Aimé Lamaison. Em 1985, foi diretor da Companhia Energética de Brasília (CEB). Durante este período, Arruda teria se aproximado dos então governadores do Distrito Federal, José Aparecido e seu sucessor Joaquim Roriz, nomeados por José Sarney. Também foi Secretário de Modernização Administrativa e Informática do Ministério de Minas e Energia, em 1985, durante a gestão do ministro Aureliano Chaves, do Partido da Frente Liberal (PFL), agora Democratas.^{2 3}

Arruda deteve vários cargos no governo de Joaquim Roriz durante as décadas de oitenta e noventa, como secretário de Estado da Secretaria de Obras do Governo do Distrito Federal (GDF), secretário de Estado da Secretaria de Serviços Públicos do GDF e Chefe de Gabinete do GDF.⁴ Durante sua gestão da Secretaria de Obras, Arruda iniciou a construção do metrô, alvo de investigação do Ministério Público Federal em 1993. Segundo depoimento do arquiteto Carlos Magalhães, que denunciou as irregularidades ao Ministério Público Federal (MPF), Arruda chorou compulsivamente ao encontra-lo, temendo que sua carreira política fosse comprometida pelas denúncias do arquiteto, esta cena se repetiria em palco nacional anos depois.⁵ Em Setembro de 1994, foram abertos processos pela Justiça Federal contra Roriz, Arruda e outros nove réus.

Em 1995, Arruda foi eleito ao Senado pelo Partido Progressista (PP). No mesmo ano, o PP fundiu-se com o Partido Progressista Renovador (PPR), e Arruda, dissidente, migrou para o

¹ Empresa estatal responsável pela construção de Brasília, fundada por Juscelino Kubitschek em 1956.

² IG Brasília, *Arruda o político que jogou fora sua segunda chance*, Leitão, Mateus e Haidar, Rodrigo. 2009

³ Folha de São Paulo *Senador tucano liderou operações abafa para FHC* 25/5/2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20319.shtml>

⁴ Portal do Senado Federal,
http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=46&li=50&lcab=1995-1999&lf=50

⁵ Folha de São Paulo *Ex-tucano chorou quando trabalhava com Roriz* 25/04/2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u18910.shtml>

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 1998, candidatou-se a governador do Distrito Federal, ficando em terceiro lugar atrás de Cristovam Buarque e Joaquim Roriz.⁶

Arruda tornou-se líder da bancada governista no Congresso de 1996 a 1999, durante o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, e líder do governo no Senado de 1999 a 2001. Durante esse período, participou do abafamento de diversos escândalos do Governo FHC, como a CPI dos Bancos, onde articulou a derrubada do pedido de quebra do sigilo bancário da diretora de Fiscalização do Banco Central, Tereza Grossi, e a extinção da subcomissão que investigava o envolvimento do secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas Pereira, por desvio de verba da obra do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo. Articulou um parecer contrário ao do relator Gilberto Miranda (PFL-AM), para derrubar a investigação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam). Também ajudou a abafar a criação de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) que investigariam o sistema financeiro brasileiro (1996), a compra de votos para aprovar a Emenda da Reeleição (1997) e a instalação de grampo no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (1999), entre outros. Em 2001, foi envolvido no escândalo da violação do painel eletrônico do Senado.^{7 8}

O senador Antônio Carlos Magalhães renunciou ao seu mandato no dia 30 de junho de 2001, para evitar sua cassação e a subsequente perda de seus direitos políticos, devido à investigação da violação do sigilo do painel eletrônico do Senado, durante a sessão secreta que cassou o mandato de Luiz Estevão (PMDB-DF). Ele havia insinuado, em conversa com o procurador-geral da República, Luiz Francisco de Souza, que sabia como os senadores haviam votado. O procurador gravou a conversa e a divulgou, criando um escândalo. Durante a investigação, Regina Borges, diretora do Centro de Processamento de Dados do Senado

⁶ Folha de São Paulo *Saiba mais sobre o Senador José Roberto Arruda* 24/05/2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20288.shtml>

⁷ Folha de São Paulo *Entenda o caso da violação do painel eletrônico do Senado* 10/09/2003
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u53269.shtml>

⁸ Folha de São Paulo *Senador tucano liderou operações abafa para FHC* 25/5/2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20319.shtml>

(Prodasen), afirmou ter imprimido uma lista, indicando como os senadores haviam votado, a pedidos do senador José Roberto Arruda.⁹

Arruda afirmou ser inocente, mas depois voltou atrás e renunciou. Em um discurso famoso de renúncia, chorou diversas vezes, pediu desculpas, e afirmou: “Eu li. Guardei a lista e, em seguida, fui ao gabinete do presidente (do Senado) Antônio Carlos. Ele olhou, conferimos voto a voto. Ainda na minha presença ele pediu que ligassem para a doutora Regina e de fato agradeceu a ela o envio da lista, que ficou com ele.”¹⁰

Afastado do PSDB, Arruda filiou-se ao PFL. Em 2002, foi eleito deputado federal e, em 2006, governador do Distrito Federal com Paulo Octávio, quando derrotou Arlete Sampaio (Partido dos Trabalhadores) e Maria Lourdes Abadia (PSDB), em primeiro turno.

O Governo Arruda

Durante a campanha eleitoral, e depois de sua eleição, o já governador Arruda enfatizava um projeto de “choque de gestão”, aos moldes do que teria ocorrido durante o governo de Aécio Neves em Minas Gerais.^{11 12} Entre as medidas tomadas pelo governo Arruda esteve a proibição da circulação das vans de transporte, a mudança do Centro Administrativo do

⁹ Folha de São Paulo *Entenda o caso da violação do painel eletrônico do Senado* 10/09/2003
<http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u53269.shtml>

¹⁰ Radiobras *Sinopse – Resumo dos Jornais Diversos* 24/04/2001

¹¹ Agência Minas *Arruda quer aplicar no DF choque de gestão feito em Minas* Wellington Pedro 2006
<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/governador/9801-arruda-quer-aplicar-no-df-choque-de-gestao-feito-em-minas>

¹² “Sintonizando a orientação para os resultados com o ethos do desenvolvimento, o choque de gestão foi um conjunto de medidas de rápido impacto, orientado para o ajuste estrutural das contas públicas e iniciativas voltadas para a geração de um novo padrão de desenvolvimento, tendo a inovação da gestão como elemento de sustentabilidade.” PECCI, Alketa et al. *Oscips e termos de parceria com a sociedade civil: um olhar sobre o modelo de gestão por resultados do governo de Minas Gerais*. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6, Dec. 2008. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003476122008000600006&lng=en&nrm=iso>.

Distrito Federal para Taguatinga, a legalização de condomínios e a demissão de funcionários comissionados.^{13 14 15 16}

“O argumento da eficiência fazia com que o GDF terceirizasse políticas e serviços, passando-as para a iniciativa privada, sem interferência estatal. Foi assim que o governo conseguiu abrir o Hospital Regional de Santa Maria e conseguiu melhorias no transporte público, como ampliação de algumas linhas e a manutenção dos preços das passagens.

O governo Arruda conseguiu concretizar uma nova resposta aos problemas da cidade, garantindo privilégios para a grande classe média brasiliense e se apoiando na Polícia Militar para conter qualquer mobilização social contrária ao governo. Se por um lado a política e habitação seguia a dupla jornada de desabrigar população carente em área de risco e de criar residenciais para classe média, por outro a política de segurança pública do governo foi de unificar a Polícia Civil e a Militar para garantir maior contingente nas ruas.” (CARDOSO, 2011: 15,16)

O Governo Arruda se apoiava sobre sua narrativa de choque de gestão, acrescentando termos como legalidade e eficiência:

“Há apenas seis meses à frente do Governo do Distrito Federal, José Roberto Arruda vem conseguindo imprimir em sua gestão duas fortes marcas: legalidade e eficiência. Desde o primeiro dia de mandato, a orientação do governador para toda sua equipe é dar atenção às principais demandas da população, produzir resultados positivos e, principalmente, economizar. Passadas as dificuldades dos primeiros meses de sua gestão, tempo em que precisou “arrumar a casa”, o governador afirma que esta nova etapa será marcada por inaugurações, investimentos em moradia, educação e saúde.” (GDF, 2007)¹⁷

“A personalidade do governador José Roberto Arruda é destacada por José Humberto Pires como fator principal para o bom êxito das ações do governo... Divido as ações em quatro vertentes. Uma de infraestrutura do desenvolvimento das obras. A segunda é da legalidade, principalmente a partir da aprovação do PDOT, o que significa para a cidade o crescimento e a reorganização de Brasília. A terceira é o eixo do social, porque acho que tem sido muito atuante pelo governo, que tem encontrado diversas formas de atuar em benefício da

¹³ Tribunal de Contas do Distrito Federal *Forças ocultas por tras das vans* Edição 1027, de 02/08 a 08/08 de 2008. http://www.tc.df.gov.br/web/site/comunidade/-/asset_publisher/1M9p/content/forcas-ocultas-por-tras-das-vans?redirect=%2Fweb%2Fsite%2Fcomunidade

¹⁴ Correio web *Novo Centro Administrativo do GDF* 2008
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=585217>

¹⁵ G1.com.br *Governador Eleito Admite Demissões Para Cortar Gastos* 17/10/2006
<http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes/0,,AA1314554-6290,00.html>

¹⁶ Terra *José Roberto Arruda é eleito governador do DF* 1/10/2006
<http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1168834-EI6761,00.html>

¹⁷ Governo do Distrito Federal *Especial – Um semestre de ação* 16/07/2007
http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=51564

população, especialmente a mais carente. E uma quarta, que atua na agricultura.” (Jornal de Brasília, 2009)¹⁸

A narrativa de choque de gestão, um termo que tem dentro de si a insinuação de rompimento, era fomentada pelos veículos de mídia locais, como por exemplo, o jornal Correio Braziliense. Isso se estendia não só ao governo, como instituição e suas personalidades, mas também a seus projetos, como por exemplo, o Setor Noroeste e o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT).

O PDOT foi uma medida do GDF que permitiria, entre outras coisas, a construção de um novo bairro, o Setor Noroeste, dentro da última região de vegetação nativa do Distrito Federal, onde reside a última comunidade indígena da região.¹⁹ A cobertura midiática ao redor da possível construção deste novo bairro, que teria o metro quadrado mais caro do Brasil, tendia a ignorar as irregularidades do bairro. Junto a isso, por meses, grandes anúncios foram comprados nos grandes jornais, pelas empresas envolvidas na construção do bairro.

“Neste cenário encontra-se o Correio Braziliense, maior jornal da cidade que, desde março de 2008, agenda regularmente em seu noticiário espaços mensais sobre a possível construção do Setor Noroeste. Porém, as questões de viés crítico e questionador supracitadas se secundarizam ou nem chegam a ser trabalhadas em detrimento de uma espécie de tentativa de consolidação e propagandeamento do novo bairro.” (SCVARZBERG, 2009: 5)

“Da mesma forma, apresentar o Setor Noroeste a partir da concepção de “bairro verde”, chamá-lo de ecologicamente correto, e ainda se alimentar de um embate entre governo do DF e “índios invasores”, como denominou o Correio Braziliense, terá um efeito no interlocutor... as lideranças da comunidade do Santuário dos Pajés, como Santxiê e Towê, não participaram do debate midiático. Por outro lado, os líderes do projeto e do governo, como o presidente da Terracap, Antônio Gomes, e o próprio governador Arruda tiveram amplo destaque e voz ao longo do período estudado no presente trabalho.” (SCVARZBERG, 2009: 45)

“Os fatores que determinaram a forma de cobertura do Setor Noroeste no Correio Braziliense foram os objetos fundamentais para a análise do discurso do jornal. A publicidade, por exemplo, teve um tipo de influência dupla: primeiramente o caráter ideológico do ponto de vista financeiro, que faz com que o jornal renda sua linha editorial diante dos recursos provenientes das propagandas, neste caso, imobiliárias. Em segundo lugar, como consequência do descrito acima, a força coercitiva que essa publicidade exerce no consciente e também no inconsciente dos jornalistas no momento da produção das

¹⁸Jornal de Brasília, *Governo afinado é prático e ágil* 16/05/2009
<http://comunidade.maiscomunidade.com/conteudo/2009-05-16/entrevista/4342/GOVERNO-AFINADO-E-PRATICO-E-AGIL.pnhtml>

¹⁹ Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal, Processo Legislativo- PDOT,
<http://www.cl.df.gov.br/cldf/processo-legislativo-1/pdot>

matérias, principalmente quando descobrem que essas notícias dividirão com os anúncios publicitários o espaço na mesma página. Como disse Habermas (2004), “uma pessoa só pode ser livre se todas as demais forem”. Dessa forma, o jornal, em suas relações hierárquicas, funciona a partir de uma cadeia na qual cada degrau subordina-se a outro, de tal forma que os níveis de liberdade e autonomia se estreitam no caminho que chega até o jornalista responsável por apurar e escrever matérias.” (SCVARZBERG, 2009: 55)

Como Herman e Chomsky escrevem na introdução de *Manufacturing Consent*, a produção de narrativas hegemônicas normalmente não é resultado de intervenções diretas e pontuais, mas sim fruto de processos de seleção e internalização.²⁰ O Setor Noroeste e a aprovação do PDOT como demonstração de ‘legalidade’ servem como exemplos da construção narrativa feita pelo e a favor do Governo Arruda.

A Caixa de Pandora

No dia, 28 de novembro de 2009, uma série de vídeos instalou uma crise política no Distrito Federal, ao ser divulgada. Os vídeos mostravam políticos importantes como o governador José Roberto Arruda, a deputada Distrital Eurides Brito, o presidente da Câmara Legislativa, Leonardo Prudente, entre outros, recebendo dinheiro de Durval Barbosa, que durante a época da gravação era o presidente da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan)²¹. Era o início da Operação Caixa de Pandora²², da Polícia Federal, que visava desmantelar um esquema de corrupção que se tornaria conhecido como Mensalão do DEM.

²⁰ The representatives of these interests have important agendas and principles that they want to advance, and they are well positioned to shape and constrain media policy. This is normally not accomplished by crude intervention, but by the selection of right - thinking personnel and by the editors' and working journalists' internalization of priorities and definitions of news - worthiness that conform to the institution' s policy.

Os representantes desses interesses tem agendas importantes e princípios que eles querem avançar, e eles estão bem posicionados para moldar e limitar a política midiática. Isso normalmente não é feito por intervenções simplistas, mas pelas seleção de pessoas que pensam corretamente e pela internalização de editores e jornalistas trabalhadores de prioridades e definições do mérito jornalístico que conforma a política da instituição. (Herman e Chomsky, 1988, p. x)

²¹ A Codeplan foi fundada em 1964. Em Março de 2007 mudou seu nome para Companhia de Desenvolvimento do Distrito Federal. Durval Barbosa foi presidente do órgão durante oito anos, de 1999 até 2006. Seu sucessor foi Rogério Rosso, que depois se tornaria governador interino do Distrito Federal após a eleição indireta realizada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal no dia 16 de Abril de 2010.

²² O início não é o melhor termo a ser utilizado aqui, início aqui refere ao início das ações públicas, a própria operação dever ter começado meses antes em seu planejamento.

Segundo pesquisas, a aprovação do Governo Arruda era acima de 70%²³ ²⁴. Em 20 de novembro de 2009, oito dias antes do início da Operação Caixa de Pandora, o Correio Braziliense publicou uma matéria cujo título era “Cúpula do DEM aprova a chapa pura em 2010”, seguem abaixo trechos desta matéria:

“O governador José Roberto Arruda tem o aval da direção do DEM para disputar a reeleição. Em decisão tomada ontem, a cúpula do partido aprovou deliberação do presidente nacional, Rodrigo Maia (RJ), de delegar ao vice-governador Paulo Octávio o comando do processo eleitoral no Distrito Federal. Ele, por sua vez, abriu mão oficialmente do acordo fechado em 2006 pelo qual teria a preferência para disputar o Executivo local no próximo ano. Os caciques democratas confirmaram, então, a repetição da chapa pura, exatamente como na última eleição: Arruda sairá candidato a governador e Paulo Octávio como vice.

A confirmação da dobradinha a mais de sete meses das convenções partidárias tem motivo claro. A direção do DEM quer encerrar as discussões sobre alianças com outros partidos, especialmente com o PMDB, em que a vaga de vice esteja na mesa de negociações (...)

Por ora, no entanto, qualquer discussão de mudança da chapa está encerrada. Numa reunião com o secretariado, Arruda agradeceu ontem o gesto de Paulo Octávio de abrir mão dos planos de disputar o governo em 2010 e anunciou a repetição da dupla nas próximas eleições. **O vice-governador só pretende voltar a entrar no páreo se Arruda optar por um novo plano, como integrar na condição de vice uma chapa na disputa presidencial. Essa possibilidade se torna real caso o PSDB opte pela candidatura do governador de Minas, Aécio Neves, à Presidência da República.** Mas Arruda já vinha dizendo em conversas reservadas que seu plano A é concorrer à reeleição (...)

Paulo Octávio explicou ao Correio que não desistiu dos planos de concorrer ao governo, mas não queria provocar um racha em seu grupo político. **“Para evitar a confusão, prorrogamos o acordo de 2006 para 2014”**(1), afirmou. **“Todas as pesquisas indicam que devemos manter a chapa”**, acrescentou. Para Paulo Octávio, não há mais margem de negociação com os partidos aliados para mudanças nessa composição (...)

1- Chapa vencedora

Caso a chapa de José Roberto Arruda e Paulo Octávio seja vitoriosa em 2010, o vice-governador deverá assumir definitivamente o governo em abril de 2014. Nessa data, Arruda deverá se desincompatibilizar para concorrer a outro cargo público, já que não poderá disputar uma nova reeleição. Dessa forma, Paulo Octávio seria candidato na condição de chefe do Executivo (...)

Paulo Octávio, então, renunciou a quatro anos de mandato como senador e assumiu a Vice-Governadoria. Obteve a promessa de que teria possibilidade de comandar a área de desenvolvimento econômico e turismo. Nos últimos meses, ele teve mais poder para as questões burocráticas do governo porque **Arruda passou a se afastar para andar nas**

²³ BSB Estação da Notícia *Arruda fecha o ano com 76% de aprovação* Honorato, Carlos 26/12/2008
<http://www.estacaodanoticia.com/index/comentarios/id/13361>

²⁴ Brasília em Tempo Real *Pesquisa destaca aprovação de 74% da população do DF para Arruda* 01/06/2009
<http://www.emtemporeal.com.br/index.asp?area=2&dia=01&mes=06&ano=2008&idnoticia=53454>

ruas, conversar com as pessoas, discutir alianças com partidos e organizar a sua campanha à reeleição. (Correio Braziliense, 2009, Ênfase própria)²⁵

Um ano antes da eleição, o governo já estava montando sua “chapa vencedora”, e contemplando como seriam as eleições, não só de 2010, mas de 2014. É importante ter isso em mente para entender o impacto da Caixa de Pandora.

Dissonância Cognitiva

O melhor instrumento que encontrei para explicar o desmoronamento da narrativa que o governo e a imprensa vinham construindo é oriundo da psicologia, chamado de Dissonância Cognitiva”. O termo é atribuído a Leon Festinger, em seu livro *When Prophecy Fails* (Quando a Profecia Falha), que descreve o conflito entre a “realidade” e as crenças de um culto a OVNI em Lake City nos Estados Unidos. Este culto acreditava que o fim do mundo era iminente, mas quando o evento foi “desconfirmado” (em outras palavras, não aconteceu) o culto, ao invés de desaparecer, cresceu.²⁶

Dissonância Cognitiva é a capacidade de indivíduos deterem duas ideias conflitivas simultaneamente, o que relembra muito o termo *doublethink* de George Orwell no livro *1984*. O exemplo mais frequente é quando a experiência, ou seja, a interação com o mundo real, entra em conflito com noções pré-estabelecidas, as expectativas dos resultados das interações. A teoria da Dissonância Cognitiva postula que há um impulso motivacional para reduzir a dissonância entre experiência e expectativa, que resulta no processo de aproximação, ou seja, na redução da distância entre as duas (Festinger, 1957).

A resolução de Dissonância Cognitiva pode acontecer de várias maneiras diferentes. Isso pode vir por meio de uma mudança de crença, atitude e ações, ou por justificação, negação, acusação (Festinger, 1957).

²⁵ Correio Braziliense *Cúpula do DEM aprova a chapa pura em 2010* Ana Maria Campos 20/10/2008 http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/11/20/interna_cidadesdf,155865/index.shtml

²⁶ Festinger, Leon; Riecken, Henry W.; Schachter, Stanley, (1956). *When prophecy fails*, (pp. 193-215). Minneapolis, MN, US: University of Minnesota Press,

Voltando ao governo Arruda, com o início da Operação da Caixa de Pandora, a narrativa hegemônica do GDF começou a ser questionada e contraposta de forma dramática. Não só por vídeos e imagens do Mensalão do DEM, mas por outras acusações, estatísticas, entre outras coisas, que haviam sido ignoradas até então:

- A aprovação do PDOT, “exemplo de legalidade”, se tornou um escândalo de corrupção. Cada deputado que votou a favor do projeto recebeu R\$ 420 mil em propina.²⁷
- O governo usava as vans para ameaçar as companhias de transporte.

“De acordo com a polícia, o então governador obrigou as empresas a renovar a frota e, ao mesmo tempo, manter os ônibus velhos rodando, sob ameaça de permitir o retorno das vans ao sistema e fazer licitação. Os veículos velhos foram cadastrados no DFTrans sob a condição de excepcionais, mas a polícia investiga a existência de pelo menos outros 400 carros piratas. A investigação começou em novembro de 2009, com a denúncia de um cooperado.” (Correio Braziliense, 2010)²⁸

- O governo do Distrito Federal empregava mais cargos de confiança não-concursados (8.660) do que todo o Governo Federal (5.560).²⁹
- Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a desigualdade no Distrito Federal cresceu durante o Governo Arruda, ao contrário do resto do resto do Brasil, onde ela diminuiu.³⁰

O governo que demitia cargos comissionados tinha mais cargos não-concursados do que a União. As vans que foram removidas das ruas, para facilitar a locomoção, eram usadas como ameaça para inchar o sistema de transporte. O PDOT, “exemplo de legalidade”, teve uma votação subornada. O governador, que representava a legalidade, aparecia na televisão

²⁷ Correio Braziliense *Cada voto ao PDOT teria custado R\$ 420 mil* Luciana Pires e Ana Maria Campos 20/12/2009

²⁸ Correio Braziliense *Arruda e Fraga são acusados de inchar sistema de transporte sem licitação* Adriana Bernardes 05/03/2011

²⁹ Folha de São Paulo *DF emprega mais comissionados sem concurso que União* 26/12/2009 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2612200904.html>

³⁰ G1.com.br *Na contramão do Brasil, DF vê desigualdade crescer, diz Ipea* Fábio Amato 20/05/2011

estufando suas roupas com dinheiro. Todos os elementos discursivos da narrativa hegemônica eram confrontados com o seu oposto.

As reações a esta dissonância cognitiva em escala distrital variavam de acordo com os participantes. O governador Arruda disse que o dinheiro era para comprar panetone a crianças carentes. O jornal *Correio Braziliense* foi “chapa branca” no caso durante os primeiros dias, fingindo que nada havia acontecido. Uma associação de pastores evangélicos entrou com um pedido de *impeachment* do governador, sendo que em um dos vídeos, logo após receberem propina, envolvidos faziam uma reza com um pastor.^{31 32}

A primeira reação do DEM, partido do governador e de seu vice, foi apoiá-los. José Agripino, líder do DEM no Senado, reafirmou a confiança do partido no governador. O presidente nacional do DEM, Rodrigo Maia afirmou que o partido não ia se posicionar.³³ Três dias depois, após uma reunião dos dirigentes nacionais do partido decidirem que era melhor o governador se desvincular do partido, e da sugestão do senador Demóstenes Torres (DEM-GO) para que Arruda fosse sumariamente expulso, o governador ameaçou o próprio partido “se vocês radicalizarem comigo, eu radicalizo” e decretou: “Eu me recuso a aceitar o desligamento. Estamos firmes, vamos até o fim”³⁴. Dez dias depois, ele se desligou do DEM³⁵, partido que 21 dias antes havia firmado a “chapa pura” para a disputa da reeleição ao GDF.

³¹ Congresso em Foco *Evangélicos e PSOL pedem impeachment de Arruda*. 2/12/2009
<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/evangelicos-e-psol-pedem-impeachment-de-arruda/>

³² Observatório da Imprensa *Cobertura do CB tem sujeito oculto* Chico Sant' Anna 1/12/2009
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/cobertura-do-cb-tem-sujeito-oculto>

³³ Congresso Em Foco *Caixa de Pandora: DEM mantém apoio a Arruda*. Fábio Gois 27/11/2009
<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/caixa-de-pandora-dem-mantem-apoio-a-arruda/>

³⁴ *Atarde Arruda ameaça DEM e diz que não deixará o partido* 1/12/2009
<http://www.atarde.com.br/politica/noticia.jsf;jsessionid=739CA213B3D12A7B5F62C3F8F5771F59.jbosstosh1?id=1297405>

³⁵ Diário do Nordeste *Arruda sai do DEM e não será candidato* 11/12/2009
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=704331>

Capítulo I

Este capítulo lida com os acontecimentos imediatamente antes da formação do Movimento Fora Arruda, nos quatro dias entre 28 de novembro e 2 de dezembro, quando foi ocupada a Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Ele segue as trajetórias de alguns entrevistados a partir de quando “descobriram sobre o escândalo” até a ocupação. Concordo com Raul Cardoso que existe uma convergência entre o início da ocupação e o início do Movimento Fora Arruda como “ente político distinto” (CARDOSO, 2011: 38-39). Mas, antes, é necessário especificar o que se entende por “movimento social”.

Movimento Social

“Apesar da ocorrência de levantes populares de diversas formas pelo mundo por milhares de anos, o que o Harare Daily News descreve como ‘uma organização inclusive composta por diferentes grupos de interesse’ não existia em nenhum lugar do mundo a três séculos atrás.” (Tilly, 2005: 3)

Em seu livro, *Movimentos Sociais 1768-2004*, Charles Tilly os define como um fenômeno distinto de outras formas de protesto e conflito social, como, por exemplo, o banditismo social estudado por Hobsbawn em *Rebeldes Primitivos*. Segundo Tilly, Movimentos sociais emergem da síntese de três elementos: campanhas (esforços públicos com uma pauta em relação as autoridades), um repertório de ação (criação de associações, assembleias, vigílias, marchas, abaixo-assinados, panfletagem) e representações públicas de *WUNC*. *WUNC* é um acrônimo que Tilly utiliza, cujas palavras são *worthiness, unity, numbers, commitment* (valor, unidade, números, compromisso). Estas são categorias de formas significativas que movimentos sociais tentam transmitir publicamente. O compromisso com a pauta, por exemplo, pode ser demonstrado pela presença de idosos em atos, uma passeata continuando depois de chuva, resistência à repressão, sacrifício, entre outros. Todas as formas que compõem estas categorias antecedem os movimentos sociais, e há grande variabilidade entre as formas de movimentos específicos, mas em termos gerais as demonstrações de *WUNC* se voltam a estes elementos (TILLY, 2005).

Ao utilizar a visão de Tilly acerca da campanha como reivindicação de uma pauta às autoridades, e entendendo as autoridades como o Estado (o que não é sempre o caso), entramos no que Skocpol descreve como a visão do Estado enquanto arena política no livro *Estados e Revoluções Sociais*.

“Esse modo de pensar sobre o Estado é, de fato, comum a ambas as variações liberais e Marxistas de teoria social. Entre essas duas tradições abrangentes de teoria social, a diferença crucial de opinião é o que esta arena política incorpora: autoridade legítima fundamentalmente consensual, ou dominação fundamentalmente coerciva.” (SKOCPOL, 1979: 25).

De acordo com Skocpol, a arena coerciva Estado serve para resolver problemas políticos, seja por dominação ou por consenso. Tilly, ainda por meio da análise de Skocpol, separa as entidades conflituosas em dois grupos: grupos-membro, que têm acesso ao poder político legitimado do e pelo Estado; e grupos-desafiadores que são excluídos dele (TILLY *apud* SKOCPOL, 1975). Os movimentos sociais seriam, então, partes desta segunda categoria.

É importante notar que na prática estas distinções se tornam muito mais confusas, como demonstra Tilly no caso de John Wilkes. John Wilkes, cuja eleição, aprisionamento e publicações foram foco de um movimento social inglês, o primeiro analisado por Tilly no livro *Movimentos Sociais 1768-2004*. Por um lado, as publicações e a plataforma eleitoral de Wilkes eram baseadas na pauta da ampliação do direito de voto na Inglaterra. Por outro lado, Wilkes, apesar de não ser um aristocrata, possuía grandes meios econômicos, gastou uma fortuna em sua campanha eleitoral e era apoiado por outras pessoas em situação financeira vantajosa. O simples fato de que Wilkes pode se candidatar, quando só uma pequena parcela da população tinha esse direito, mostra que ele tinha acesso ao poder político legitimado do Estado, mesmo que sua pauta fosse a de um grupo-desafiador.

“Ao contrário: os burgueses que apoiaram Wilkes e seus sucessores radicais se concentravam desproporcionalmente entre os comerciantes de médio porte. Eles se alinharam contra ambos a Corte e os grande capitalistas (...) Seus apoiadores populares, por sua vez, vinham especialmente dos trabalhadores londrinos das profissões mais organizadas.” (TILLY, 2005)

Uma das vantagens da definição de Tilly de movimentos sociais, que se baseia mais em categorias do que em definições, é que ela permite uma flexibilidade analítica. Isso é importante devido à dinamicidade dos movimentos sociais. Sidney Tarrow e David Meyer escrevem na introdução do livro *A Movement Society: Contentious Politics for a New Century* (A Sociedade De Movimento: Políticas Contenciosas para um Novo Século):

“Se movimentos são fenômenos históricos e tem sempre militado nas fronteiras da política, com certeza é um erro esperar que eles emergam e mobilizem em formas características enquanto o mundo ao seu redor muda.” (MEYER E TARROW, 1998: 5)

Abayomi

“Política? Antes de entrar na UnB eu não tinha muita participação política não. Tipo assim, eu tinha contatos com as pessoas, de família, amigos, mas nunca participei de nenhuma organização, nenhum grêmio estudantil, nem nada.

Para mim o diferencial foi quando rolou o incêndio da casa dos estudantes africanos, que rolou o incêndio. Aí eu participei, fui puto com tudo e tal, descemos para a reitoria e o reitor tratou a gente igual cachorro... ele sendo meio falso. Foi exatamente (risos) essa cara que você acabou de fazer.

Todo mundo tava na reitoria, naquele salão da reitoria lá, todo mundo ficou assim, sem entender, cinco segundos sem entender, tentando interpretar que ele tinha tirado a gente de tempo. Caralho, eu fiquei muito puto... Aí eu, caralho. Eu fiquei muito puto, eu fiquei, tipo, indignado, era um sentimento de impotência, humilhação e tal. Me sentindo um merda, mas aí eu peguei, tá ligado aquelas promessas bem norte-americanas? Um dia esse cara vai me pagar. (risos) Caraca, eu ainda vou derrubar esse cara, que merda. Foi tipo setembro, outubro, mais ou menos, de 2007.” (Abayomi, Entrevista 2011)

Abayomi estava dentro da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em meio a uma ocupação “relâmpago”. Entraram um dia (26 de novembro), saíram no outro. Esta ocupação tinha como pauta principal a demarcação do Santuário dos Pajés, Terra Indígena do Bananal.³⁶ Neste segundo dia, enquanto os manifestantes debatiam se deveriam desocupar ou não, a polícia entrou, armada, “botando maior pressão e muita gente não tinha costume nenhum de fazer ocupação. Eu já tinha ficado um ano e meio sem ocupar nada, todo mundo ficou nervoso, com muito medo, vai dar merda, porque não deu visibilidade... a gente ia sair dali e podia ir pra cadeia e acabou... A própria esquerda não estava apoiando a gente.”

Os manifestantes decidiram que seria melhor “se entregar”. Um policial federal subiu para onde os manifestantes se encontravam, e eles o informaram da decisão. O policial sumiu e

³⁶Em 2007, com o início do governo Arruda a construção do Setor Noroeste tornou-se uma pauta principal do GDF. O plano do Setor Noroeste foi implementado em 2008 pelo PDOT (Plano Diretor de Ordenamento Territorial), sua construção encarregada a um consórcio de empresas chamadas de ADEMI, que inclui a construtora do então vice-governador, Paulo Octavio. A resistência ao Setor Noroeste parte de vários eixos, um deles, talvez o mais antigo, sendo da preservação do plano original da cidade. Outro eixo é o de preservação ambiental, que considera o Noroeste o último reservatório de cerrado natural dentro do Distrito Federal. O último eixo, o eixo indígena, postula a área como um santuário indígena, importante dentro da cosmologia de diversos grupos indígenas da capital. Antes da construção e subsequente expansão de Brasília haviam várias tribos que habitavam o que era denominado como a Fazenda Indígena do Bananal, outras foram deslocadas e expulsas de suas terras, e o Santuário dos Pajés serviu como refugio a estes e outros grupos. Assim se tornou central a convivência indígena dentro do Distrito Federal.

nunca mais voltou. “A gente ficou desesperado, caraca, vocês querem o quê?” A Polícia Militar não permitia que os manifestantes saíssem do prédio. Começaram a notar que os policiais, especialmente os federais, estavam entrando em seus carros e indo embora.

Um dos manifestantes recebeu uma ligação em seu celular “O Arruda caiu!”. Os manifestantes começaram a comemorar “e a polícia na porta tratou a gente igual um bando de maluco. (risos) Isso nunca aconteceu em nenhuma ocupação em lugar nenhum. A polícia não queria que a gente desocupasse e a gente queria desocupar.” Depois de mais negociações, conseguiram retornar para suas casas, sem serem revistados ou presos. Foi quando Abayomi descobriu que o Arruda não tinha caído, mas sim enfrentava uma crise de corrupção.

“Eu lembro que falei, caraca, dias gloriosos virão (risos). Juro... Véi, vou ser muito feliz. Foi desse jeito que eu fiquei sabendo.”

Paíque

“É estranho isso, porque na verdade a única coisa que eu fiz linearmente, desde que eu entrei pro movimento estudantil, há dez anos atrás até hoje, foi militar, participar de grupo político, de reunião. Então, talvez eu possa dizer que essa é a coisa mais linear da minha vida (retirando a família, é claro). Então, seria talvez, ou seja, a coisa que eu mais fiz, com que eu mais tenho relação é com a militância, com a luta política. É estranho pensar no que isso contribui pra minha vida, porque no fim das contas isso é a própria função dela. A própria trajetória de vida tem uma grande parte dada a isso. Então, mas assim, pensando de um ponto de vista geral, tem a questão da militância como essa forma de dar um retorno à situação da maior parte da minha família e das pessoas do meu grupo social: negros, ou seja, dar um retorno de alguém que está em um local descolado dessas pessoas, um local de classe descolado e também poder exercitar meu compromisso e ser autêntico também.

(...) Os espaços da militância são espaços onde eu posso construir e criar coisas e desenvolver coisas em que eu acredito. Sendo que no espaço do trabalho, no espaço da escola, no espaço das relações familiares, você até tem participação, mas é sempre uma participação altamente hierarquizada e objetificada. O espaço da militância é um espaço que possibilita mais eu ter uma relação e contato direto com as coisas que eu estou contribuindo, para poder me apropriar da vida e do mundo que eu estou ao redor. Talvez essa seja minha grande contribuição.

A auto expressão na militância, ou seja, a possibilidade... de você tomar conta do espaço que não lhe é dado, que é o espaço social, você poder intervir nas estruturas que não são feitas pra você se colocar, que são estruturas da burocracia, você poder retomar a parte do que você faz, do que construiu, do que não é seu, ou seja, retomar a produção, tudo isso hoje tem sido chamado de auto expressão, mas na verdade todo potencial das lutas é esse potencial de retomar para si, se reconstruir, se recolocar nos espaços de que você é alijado, de que você é retirado. Então, eu vejo a auto expressão como uma ferramenta básica e essencial da luta, mas não auto expressão no sentido de ‘quero que me ouçam’, mas no sentido de ‘eu quero construir, quero participar’.” (Paíque, Entrevista 2010)

Quando Paíque era criança, ele teve um acidente enquanto brincava com seu irmão. Paíque estava sentando, de joelhos, quando seu irmão veio por trás e puxou sua perna, levantando-a no ar e projetando-o ao chão. O resultado foi que Paíque caiu, de cabeça, no concreto, rachando os dois dentes incisivos de cima³⁷. Em um momento de pânico, o irmão mais velho pediu ao mais novo que não contasse aos seus pais o que ocorreu, inventando uma história para esconder a culpa. Paíque concordou, e assumiu a culpa.³⁸

Uma década depois, os dentes quebrados começaram a inflamar e terem corrosão óssea. Isto forçou Paíque a trocar os dentes rachados por dentes “novos”. Primeiro, arrancaria os dentes antigos, voltaria para casa e um dia depois colocaria dentes novos. Seis meses adiante, tiraria esses e colocaria, finalmente, os dentes “definitivos”. No primeiro dia, antes da operação, algumas pessoas ligadas à luta contra o Setor Noroeste ligaram para ele, informando-o que a Funai tinha sido ocupada. Respondeu que não podia ir naquele momento, tinha um compromisso com o dentista.

Acordou às seis da manhã, no segundo dia da operação. Enquanto esperava seu pai levá-lo ao dentista, começou a ler alguns jornais. “Eu fiquei olhando no jornal e nos sites pra ver alguma coisa, 6h da manhã falou, ‘Polícia Entra na Mansão do Governador.’ Nem dei muita atenção, falei ‘nossa, estranho’, mas como eu estava tão puto pela questão do meu dente eu nem...’ Mais tarde, concluída a operação foi a FUNAI.

A FUNAI estava interditada pela polícia ‘...o pessoal me grita da janela, o Arruda foi pegado e aí começou a circular a notícia que tinha estourado o esquema da Caixa de Pandora. Foi isso, aí a partir daí, começaram conversas, mil coisas, assembléias chamadas no outro dia, todos grupos se mobilizaram nesses dois primeiros dias que estourou o escândalo.” Qual foi a primeira coisa que pensou ao se deparar com o escândalo, vídeos, etc?

“No primeiro momento? Nós temos que derrubar esse cara, é a nossa chance. Porque tem uma coisa na constituição do Governo Arruda, porque no final do governo Roriz, até 2006, ele enfrentou uma ascensão de movimentos sociais, porque a estrutura dele já estava muito desgastada. Muitos grupos sociais, tanto os mais veiculados à direita quanto os mais veiculados à esquerda estavam, organizações e tal, questionando aquele modelo atrasado, entre aspas, porque no capital não tem atraso, tem lucro (risos), é o atraso moderno, o lucro não é lucro. Mas o Governo Arruda não, ele ficou quatro anos conseguindo desconstituir os grupos sociais, cooptando muitos grupos sociais, atacando a base desses grupos, atacando ideologicamente a luta desses grupos” (Paíque, Entrevista 2011)

³⁷ Esses são os dentes grandes e centrais da mandíbula.

³⁸ Que eu saiba, Paíque nunca contou ‘a verdade’ aos seus pais.

Raul

“Uma coisa que desde pequeno eu vivi, sempre foi a importância da inquietação do conhecimento. Sempre teve muito presente na minha família, que foi uma coisa que eu sempre vivi, em todos os espaços que vivia. Sempre ser uma pessoa muito atenta, muito inquieta, isso em casos muito específicos, como é o caso do jornal,³⁹ ou sobre educação, sobre planos nacionais de educação, se tem um aprendizado que eu acho importante, e isso que a política é uma coisa muito presente na nossa vida, e parte da nossa vida é o dialogo, acho que tudo isso ajuda, não ajuda, contribuiu, a nossa militância.” (Raul, Entrevista 2010)

No dia 28 de Novembro de 2009, o Consuni (Conselho Universitário da UnB) tinha uma reunião marcada durante a tarde. Raul, junto a outros membros do Diretório Central dos Estudantes Honestino Guimarães da UnB (DCE), aguardava o início da reunião dentro da Reitoria.⁴⁰ Anjinho, outro membro do DCE, abriu seu notebook, buscando algo que queria falar sobre durante a reunião. Foi quando viu a manchete *Governador visto em vídeo*. “Galera, galera, galera, chega aqui! Caramba, caramba, caramba!”

Enquanto participava da reunião, Raul, frustrado pela falta de informação, fazia e recebia ligações, procurando entender o que tinha acontecido. “Eu fiquei descrente que aquilo foi o que foi, descrente, na verdade, tinha que correr atrás, descobrir mais.”

Luana

“...Eu sou, eu sou realmente indignada com esse tipo de coisa. (Risos) Mas, não é uma coisa que, não foi sempre assim, eu nunca me atentei pra questão de gênero assim. Depois que eu entrei na universidade e depois de fazer enfermagem, que é uma, que é um curso que tem muitos problemas em relação de gênero, que comecei a pensar sobre isso. E eu vi o tanto que a sociedade é machista. Porque antes eu falava ‘ah é machista.’

Em casa mesmo eu falava quando o meu irmão, quando meu pai falava ‘ah Luana, vai lavar a louça e tal,’ eu falava ‘não, hoje é o meu irmão que vai lavar. Porque tipo, eu não vou lavar a louça se o meu irmão não vai lavar.’ E o meu pai sempre me defendeu em relação a isso, mas sempre foi uma coisa bem assim, ‘ah, isso é uma coisa que só algumas pessoas que... não é todo mundo que é machista’.

³⁹ A trajetória política de Raul começou quando ele estava ainda no primeiro grau. Ele e um amigo começaram um jornal dentro da escola, onde discutiam e analisavam os rumos da instituição. A primeira edição foi distribuída sem problemas, mas a segunda edição foi interdita (censurada) pela diretora da escola, que decidiu que primeiro grau não era lugar para aquilo. A resposta de Raul e seu amigo foi distribuir o jornal no estacionamento.

⁴⁰ Um ano antes, Raul, Anjinho e outros membros do DCE também foram parte da ocupação da Reitoria que derrubou o então-reitor, Timothy Mulholand.

E eu vi que assim, muitas mulheres, são bastante machistas, e isso começou a me indignar muito assim. É, essa, e essa passividade também ‘ah o mundo é machista e o que que a gente pode fazer?’ Acho que não, acho que a gente tem que ir pra todos lugares que a gente tiver, a gente tem que lutar pelo nosso espaço pela nossa voz. Tem que aprender um pouco, (risos), como fazer isso, mas eu acho que, que é um crescimento.

É achar que o homem é superior a mulher... Qualquer fala ou qualquer ação que remete eu acredito que seja machista. Você.. vai buscar a sua namorada, e o carro é dela mas é o homem que vai dirigir. Entendeu? Eu acho que nas mínimas coisas as pessoas se mostram machistas.

É uma coisa que talvez esteja no consciente, subconsciente, sei lá, mas as ações, eu acho que mostram isso, assim. Talvez no, talvez se você trabalhar um pouco, ou pensar um pouco sobre isso, eu percebi como eu agia e como eu pensava, talvez eu não, não pensasse objetivamente nisso, ah eu sou inferior, mas nas minhas ações eu mostrava esse raciocínio.

Eu acredito que é mais uma questão de, ‘ah não, lavar o prato é mais fácil do que trocar um pneu’. Por exemplo, e então é por isso que a mulher lava o prato e o homem troca o pneu. E lá em casa eu trocava o pneu com meu pai e meu irmão lavava o prato. Eu cresci pensando nisso. Mas eu acho que muitas pessoas... a relação do cuidado mesmo, da enfermagem. ‘Ah é mãe, é cuidadora, é mulher, só a mulher que pode fazer enfermagem.’ Eu continuo achando que é uma questão de... inferioridade, e não de esferas.... por exemplo, o homem fala ‘não eu sei, sei cuidar do meu filho, se eu precisar.’ Mas isso é... deixado normalmente pra mulher.” (Luana, Entrevista 2010)

Luana, também membra do DCE, não sabe onde estava. Sabe que estava com outros membros do DCE. Quando foi informada do escândalo, a primeira coisa que queria fazer era ver as imagens. “(Fiquei) indignada... cara de pau... apelarem para questão da religião... aquela mulher⁴¹ botando dinheiro na bolsa, inusitado isso... mas eu sabia que a gente tinha que fazer alguma coisa... tinha que prender o próprio Arruda. A gente não podia não fazer nada... Tinha que pressionar.”

Entrada

“Foi mais ou menos inesperada. Quando estourou o escândalo de corrupção, isso sempre que o rei tá pra cair, muitos grupos da sociedade começam a se reunir pra conspirar. Reunião de conspiração, tanto os aliados do Roriz, quanto toda a galera do PT, como de grupos estudantis que se reuniram, grupos de amigos. Então, no período anterior a uma crise, você tem além as reuniões públicas, você tem as reuniões de conspiração. Todo mundo pensando, nós temos, o poder está se movimentando, o que a gente vai fazer agora? Os grupos se posicionam. Então, de fato tiveram algumas reuniões de pessoas que estavam pensando em ocupar o Buritinga, tiveram reuniões de pessoas que estavam pensando em fazer ações radicalizadas na casa do Arruda e etc. Começaram a ter reuniões de conspiração, então isso, junto com o ato público que foi marcado pela CUT, deu o caldo de cultura para que ocorresse a ocupação na Câmara Legislativa. Então, não foi proposta, nem

⁴¹ Eurides Brito

algo arquitetado, mas foi um fenômeno social que aconteceu porque você tinha uma dinâmica pública de atos, uma dinâmica de revolta generalizada, uma radicalização que não tinha se consolidado e um processo de conspiração de vários grupos que confluíram.” (Paíque, Entrevista 2011)

Após a reunião do Consuni, os membros do DCE discutiram os acontecimentos do dia. Decidiram marcar uma reunião para sexta-feira, dia 30. Ficaram surpresos que a reunião marcada “em cima da hora” teve mais de duzentos participantes. Luana ficou na relatoria anotando e registrando os discursos da reunião.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) marcou um ato de protesto em frente à Câmara Legislativa no dia 2 de dezembro. A pauta era protestar contra a participação de vários membros da CLDF no esquema de corrupção do governador José Roberto Arruda.⁴² Abayomi relata que quando chegou ao local viu secundaristas, uma banda de forró, carro-de-som, políticos, etc. Em meio à manifestação, um grupo de pessoas, carregando um caixão, decidiram entrar na Câmara Legislativa.

“Aí beleza, todo mundo foi, teve uma galera que foi na frente e pediu:

-Licença aí, a gente vai entrar e tal, pra acompanhar os trabalhos.

-Não, não podem entrar aqui não.

-Por que? Qual o motivo?

A gente pede pra entrar, os caras negam e a gente vai lá e entra. Na reitoria aconteceu a mesma coisa, a gente chega primeiro, fala vamos entrar, todo mundo lá atrás, mó clima de guerra, vamos entrar, tem o direito de entrar, os caras ‘não, vocês não podem entrar’. A gente entra de qualquer jeito. É bom que dá uma certa legitimidade, uma consciência tranquila, pelo menos eu tentei de outra forma, os caras não quiseram deixar - o problema é deles.” (Abayomi, Entrevista 2011)

O “entrar de qualquer jeito” é um assunto polêmico. O inquérito policial⁴³ descreve os manifestantes arrombando a porta (dano a patrimônio), forçando a entrada e pisoteando um segurança caído. Porém, é necessário notar que esse inquérito nunca viu a luz do dia, somente alguns trechos foram revelados durante interrogações. Abayomi recorda ver uma pedra

⁴² Nas palavras do procurador geral da república, Roberto Gurgel, ao criticar a eleição indireta do então-novo governador, Rogério Rosso ‘Temos uma eleição indireta em que o colégio eleitoral é formado em grande parte por parlamentares notoriamente envolvidos em um esquema criminoso que levou ao afastamento do governador Arruda.’

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/04/brasil-ao-merece-eleicao-indireta-deste-sabado-diz-gurgel.html>

⁴³ O inquérito policial sobre a ocupação da CLDF nunca foi publicado. A polícia mostrou ele a alguns manifestantes durante interrogações.

impactando a porta de vidro da Câmara. Alguns manifestantes viram o vídeo da câmera de segurança e relatam que ele mostra claramente os manifestantes isolando o policial legislativo caído e depois ajudando-o a se levantar.

“...no que quebrou a galera deu um passo pra trás, ficou meio nervoso, não tinha polícia no local, a gente continuou indo pra frente, conseguiu abrir, passou pelo portal de detector de metais, foi massa, caraca... Passando pelos corredores também assim, é muito louco, o momento, o primeiro momento é um dos melhores.” (Abayomi, Entrevista 2011)

Com a entrada dos manifestantes, a votação da Câmara foi cancelada. Isso resultou em um período de caos entre os manifestantes. Alguns grupos tentavam se organizar, outros grupos tentavam controlar a situação. Houve uma tentativa de fazer uma reunião da “cúpula”: “os cabeças de cada movimento”, nas palavras de Abayomi. A intenção era dar rumo ao ato. Porém muitos dos autônomos, que eram maioria dentro da Câmara, optaram por permanecer.

Autônomos

O movimento autonomista tem grande participação nos movimentos sociais do Distrito Federal, e pode ser compreendido de acordo com a definição de Leo Vinicius Maia Liberato, em sua tese doutorado:

“Castoriadis (1982) define a autonomia como a regulação ou legislação por si mesmo, em oposição à heteronomia, à legislação e à regulação pelo outro... A autonomia, no entanto, não significaria a total eliminação do discurso do outro - o que seria um estado a-histórico do sujeito. O “eu” da autonomia, o sujeito autônomo, seria a ‘instância ativa e lúcida que reorganiza constantemente os conteúdos utilizando-se desses mesmos conteúdos’ (CASTORIADIS, 1982: 128). Impossível eliminar o discurso do outro porque o discurso do outro constituiria também o suporte sobre o qual se desenvolve a atividade do eu; seria a própria condição da atividade do sujeito, e portanto o outro estaria sempre presente na atividade que o ‘eliminará’. A autonomia, conseqüentemente, seria a instauração de uma relação entre o discurso do outro e o discurso do sujeito, diferentemente de uma hipotética eliminação total do discurso do outro.

No sentido social, a autonomia - qualidade daquele que dá lei a si mesmo - assumiria o sentido de uma auto-instituição explícita da sociedade. A coletividade autônoma seria aquela cuja divisa é dar a si própria suas próprias leis. Uma coletividade autônoma implicaria indivíduos autônomos e vice-versa - capazes de questionar as normas e leis instituídas, formais ou informais. Nesse entendimento a autonomia não é sinônimo de independência, embora uma determinada independência possa ser condição e consequência da autonomia. Autonomia seria, em suma, capacidade de autogoverno.” (LIBERATO, 2006)

Um dos maiores grupos autônomos dentro do Movimento Fora Arruda era o Movimento Passe Livre (MPL). Leo Liberato em seu texto, *Na Era do Branding: O Movimento Passe-Livre* vê a autonomia com um componente importante na criação do *brand* ‘Movimento Passe-Livre’, em outras palavras o autonomismo faz parte do produto/serviço/conceito final, o *brand*, que o movimento oferece para consumo à sociedade (LIBERATO, 2006).

Tilly afirma que, comparado com formas políticas de menor escala, movimentos sociais dependem muito de chamados ‘*entrepreneurs* políticos’ (o termo *entrepreneur* em português seria algo entre um investidor, inovador e desbravador). Ele nota que organizadores políticos profissionais, interlocutores, têm tido uma participação crescente e influente dentro de movimentos sociais (TILLY, 2005).

O primeiro conflito interno do Movimento Fora Arruda, antes da concretização da ocupação da CLDF, se desenhou entre os autonomistas e os *entrepreneurs* políticos. De um lado, os autonomistas eram favoráveis à noção a “dar a si próprios suas próprias leis”, e o que é mais, uma reunião que não abrangesse todos os participantes do ato violaria o conceito de autovalorização dos autonomistas (LIBERATO, 2006), a fomentação da crença no eu da capacidade de governança. Por outro lado, a CUT e outras organizações acreditavam que o movimento necessitava de direcionamento para ser eficaz dada a fluidez da situação.

Enquanto a reunião acontecia os autônomos permaneceram dentro da Câmara, tentando se organizar. Mas enquanto esperavam, algumas pessoas vieram e começaram a tentar remover os manifestantes. Nas palavras de Abayomi: “só que nisso o Pilha do PT⁴⁴ voltou falando, ‘vamos galera, vamos galera, a gente já decidiu lá dentro que vai desocupar, é melhor politicamente e tal’. Começando a puxar uma galera assim. Aí o Paique veio logo atrás dele e falou ‘não, mentira, que porra é essa, ninguém decidiu isso.’”

⁴⁴ O Pilha era um assessor da deputada distrital Erika Kokay.

Talitha

“Eu sempre me interessei pela política, também por influência da minha mãe, desde que eu era pequena ela participou de movimentos. Eu comecei fazendo... em 2005, chegaram a suspender o vestibular de direito da UnB, devido à transferência dos militares, e eu fui uma das mobilizadoras, eu tava super à frente. Isso foi antes de entrar, e depois só continuou. A coisa foi fluindo.

Acho que tem pais hoje que tentam fazer uma criação diferente... eu acho que eu fui criada de uma maneira bem diferente assim, é.. a escola também é muito responsável, por mais que as mulheres tenham um discurso, talvez eu até esteja sendo machista nesta minha colocação, mas eu acho que um grande problema também é que as mulheres também são muito machistas e elas não se reconhecem como sendo muito machistas, mesmo com um discurso feminista. É, tem a própria mídia né, imagina uma criança você tem toda uma formação, que é todo mundo igual e aí você olha pra televisão e tem uma mulher de bunda de fora e é só ela dançando, não tem um cara dançando igual a ela. Então parece que o local do desejo, o despertar do desejo só quem tem o direito a isso é o homem. Ou só quem é objetificada é a mulher, sabe, por que? Sabe? Por que isso? Por que transformar a mulher em um objeto? Não a transforme. Enfim. Então você começa a ficar meio, assim, são coisas muito contraditórias, sabe.

No B&D,⁴⁵ ano passado a gente fez um curso de formação. A gente trabalhou gênero, e foi muito fera, foi muito fera, por que eles separaram homens, separaram mulheres e... e assim os homens chegaram gritando, acho que eles quiseram fazer mesmo um experimentalismo com a gente assim e a gente falou não você pode abaixar a sua voz. E quando a gente tinha acabado debater a gente tava assim, afiado, sabe. Qualquer coisa que eles falavam a gente tava assim ‘Plah, plah, plah’. E tudo deles era muito assim era soluções pra questão de gênero na política. É, a falar cotas pras mulheres, nos concursos, não sei o que lá, não sei o que lá. E a gente cara, questão de saúde, a gente quer poder abortar. A gente quer poder ter uma ginecologista que não estupe a gente as coisas muito mais próximas, absurdas e que acontecem...

“É. A mulher pra ser levada a sério na política hoje ela tem que se tornar homem, cara.”
(Talitha, Entrevista 2010)

Talitha, aluna de direito na UnB, estava acompanhando a CPI da Dívida quando seu celular começou a encher de mensagens. *Todo mundo: a gente ocupou a Câmara, a gente ocupou a Câmara, vem pra cá.* Infelizmente não podia sair.

A frustração de não poder ir para atos ou eventos não é somente a frustração da não-participação, da ausência. Luana nota que esses apelos não são apenas uma convocação, mas também uma medida de segurança: um grupo pequeno é vulnerável, um grupo grande encontra proteção em seu quórum. Um exemplo disso pode ser visto na vulnerabilidade

⁴⁵ B&D- Brasil & Desenvolvimento, um grupo de análise e discussão composto por alunos e ex-alunos da UnB.

sentida por Abayomi durante a ocupação da FUNAI, como um grupo pequeno de pessoas pode sofrer a repressão do Estado.

Forra Arruda e Toda Máfia

“Bem, eu pensei, há algum tempo eu já estou fazendo ação direta nessa cidade, há algum tempo eu já estou brigando com policial nessa cidade. Eu não vou chegar em um espaço desse sozinho, vou chegar num espaço desse de carro, com algumas pessoas e tal, não vou ficar me arriscando porque não quero cair no primeiro dia de combate, posso cair no último, mas no primeiro pelo amor de Deus não (risos).” (Paíque, Entrevista 2011)

Paíque decidiu ir com Raul, do DCE. Mas antes iam passar por um cartório, para registrarem o pedido de impeachment contra o governador Arruda. Enquanto esperavam recebiam comunicações de outras pessoas. *Acho que ocupamos a câmara.* Os dois deixaram o protocolo para depois e foram para a ocupação.

“O que tava rolando é que aquilo se converteu rápido em um fórum de uma série de segmentos de setores de lutas se comportando dessa forma... os grupos políticos puderam jogar suas estratégias de luta. E o que aconteceu ali... uma parte do pessoal queria que a ocupação permanecesse lá só naquela tarde para gerar um fato político e que esse grupos mais burocráticos poderiam utilizar depois disso a favor. Outros acreditavam na ocupação como estratégia da luta. Um espaço de tensionamento e de criação de novas sociabilidades. ... Outros também queriam que ela se desenvolvesse também para poder aumentar sua influência política sobre aquele momento. O que determina quem foi a favor e quem foi contra, era quem tinha ou quem não tinha influência na Câmara Legislativa. Os grupos que tinham influência na Câmara Legislativa eram contra... Os grupos que não tinham influência... eram favoráveis a permanência.” (Paíque, Entrevista 2011)

Quando a CUT convocou a reunião, estenderam um convite a Paíque para participar. Ele permaneceu na reunião por pouco tempo antes de voltar para a plenária, quando viu algumas pessoas falando que tudo estava decidido e estava na hora de sair, puxando os manifestantes. “Eu cheguei e falei não, não, estão definindo lá, espera aí. Ai nisso, gerou uma briga lá.” O resultado foi que esperaram a reunião acabar.

Terminada a discussão organizada pela CUT, duas propostas, que na opinião de Paíque na verdade eram apenas uma, foram apresentadas aos manifestantes e submetidas à votação: saírem da câmara e lerem o processo de *impeachment*, para só depois decidir se voltariam ou não. Para muitos isso foi visto como uma manobra.

A ideia era que os manifestantes assistiriam à votação da Câmara (descrita por Abayomi como “o teatrinho”) e depois fariam uma votação. Em vez de assistirem à votação, os autônomos optaram por fazer uma reunião em um corredor, e decidir o que queriam fazer. A reunião foi crescendo com a participação membros do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), além de entidades que eram favoráveis à permanência da ocupação, se juntaram a ela. Foi quando Abayomi começou a notar “nós somos a maioria”.

Esta reunião decidiu manter a ocupação. Começaram a se mobilizar, primeiro informaram aos seguranças que iam voltar para dentro do Plenário, não queriam confusão. Depois informaram às outras entidades do movimento que iriam voltar, o que causou um pequeno tumulto. “O pessoal começou não entra, não entra, não entra” (Paíque, Entrevista 2011).

Antes de entrarem no Plenário, tinham que lidar novamente com os seguranças. Os seguranças informaram aos manifestantes que tinham um acordo e não poderiam entrar. Os manifestantes responderam aos seguranças que este acordo não era com eles. Os seguranças disseram que a porta estava lacrada e teriam de arrombá-la. Os manifestantes forçaram a porta e entraram.

Depois de entrarem novamente no Plenário, os manifestantes tiveram sua última reunião do dia, e a primeira como movimento.⁴⁶ Optaram pelo nome Fora Arruda e Toda Máfia (FATM). Para muitos, este foi o início da ocupação e do movimento.⁴⁷

Rafael Madeira,⁴⁸ manifestante e militante do PSOL, descreveu a relevância desse processo da seguinte forma:

⁴⁶ Apesar de muitos das pessoas contrárias a uma ocupação permanente não participarem desta última reunião, alguns continuaram, como o Pilha. De acordo com Abayomi, houve um instante onde ele ‘partiu pra cima’ do Pilha mas foi segurado.

⁴⁷ Em sua monografia, Raul Cardoso também cria uma relação simbiótica entre o início da ocupação e do movimento Fora Arruda. “Na primeira manifestação grande que ocorreu, um grupo de jovens que participavam do ato resolveu radicalizar e ocupar a Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Esse é o começo do Movimento Fora Arruda, que foi formado a partir de uma ampla rede de grupos e teve na CLDF o espaço de compartilhamento de identidades e de construção da sua própria.” (CARDOSO, 2011: 9)

“Quando o movimento, que depois se formou, desrespeitou os dirigentes da CUT e dos partidos, gente que se achava, que achavam que estavam conduzindo o processo, isso teve uma importância. Rejeitou o interesse daquele fórum da CUT, de ser mais comedido nas ações, a favor de ocupar permanente a Câmara. Isso deu uma autonomia ao movimento e deu a novos grupos a possibilidade de criação de discurso e diálogo, isso foi importante inclusive para grupos que eram de partidos, mas não achavam correto a postura ‘vamos sair porque já demos visibilidade’. A gente não confiava, acho, faço autocrítica à nossa organização partidária [PSOL]: estava alinhada com aquele fórum, os grupos e partidos tradicionais. Foram os grupos autonomistas e outros que dividiram, que tomaram a frente o negócio, a Câmara, de deslegitimar o espaço, o espaço que não tinha legitimidade, e inviabilizar o que já era inviável. Sabíamos que não ocorreria nenhum processo de cassação. A gente tá lá dentro era um símbolo para a população.” (Rafael Madeira, Entrevista 2011)

O Rei Injusto

“Isso é uma conversa que, dentro do MPL, a gente já fazia. Dentro do transporte, saindo do Roriz e indo pro Arruda. Na real, é uma leitura que assim, o poder do Roriz ele tinha os interesses econômicos atrás dele, mas era na terra, a questão da grilagem, da influência imobiliária, de uma influência política antes de econômica, e a gente vê isso no transporte, a influência do transporte é muito mais ligada a redes de interesses, mais mafiosas. E a gente vê isso no Arruda, que tinha esses interesses, mas mais voltado ao poder econômico, mais voltado ao empresarial. Então no Governo Arruda as empresas, o caráter seria por eficiência, por uma lógica liberal mesmo, não que fosse uma mudança da água pro vinho, mas se sentia mais um caráter de capitalismo eficiente de capitalismo empresarial. O Arruda passava uma impressão diferente do Roriz. Não que uma coisa diferente da outra, tanto que a crise mostrou isso, empresários sendo politicamente beneficiados, a gente tinha essa leitura, mas as máfias mostraram diferentes.

E eu acho que ainda tá nessa mudança, da mudança de uma oligarquia mafiosa para um regime liberal empresarial que visa a eficiência, tende acirrar a diferenciação entre a exploração e a corrupção, porque a exploração é legal e injusta e a corrupção é ilegal e injusta... e isso significa uma diminuição, mas não o fim dos mafiosos dentro da política, uma noção meio europeia dentro de política.

O que possibilitou a eleição do Arruda foi um racha do setor da direita por interesses diversos, o Roriz que sempre teve o apoio de toda direita, um setor se manteve com ele, esse cabeças de máfia... e um setor mais empresarial progressista apoiou o Arruda. Ao mesmo tempo que essa direita que apoiou ele na eleição, essa mesma direita que não está distante da corrupção, mas que tem que negar a corrupção, por que isso que diferencia ela, no momento que se discutiu a corrupção no governo Arruda, ela o abandonou, então o partido e os apoiadores dele se afastaram dele. Para não se prender a uma ancora. O Roriz quando saía as coisas do governo dele, as pessoas não se desprendiam dele.” (Matheus, Entrevista 2011)

Em *Rebeldes Primitivos*, Hobsbawn escreve que o rei representa a justiça. “Se o Tzar ou o Rei da França soubesse, ele com certeza desceria pelo país e enxugaria todos os ofícios injustos com seu olho-de-águia, dispensando justiça às pessoas comuns e leis” (HOBSEBAWN, 1959:

⁴⁸ Durante a eleição de 2010, Rafa foi lançado por uma vertente do PSOL (Coletivo Luta Vermelha) como candidato a deputado distrital, porém não foi eleito.

119). Claro que, o Brasil sendo uma República, não tem reis formais, mas a prática de distanciar políticos do executivo de esquemas de corrupção pode ser observada com frequência. Quando uma denúncia é depositada na figura do rei, escreve Hobsbawn, sua reputação desaparece, “pois um Rei injusto é a negação da realeza” (HOBSEBAWN, 1959: 119).

A análise feita por Matheus se encaixa com o que escreve Hobsbawn, com os acontecimentos políticos (a desvinculação de Arruda do DEM, etc) e com a opinião popular (86.9% de entrevistados em uma pesquisa feita em fevereiro aprovavam a prisão do governador Arruda).

49

A análise de Matheus também leva a algo que Skocpol descreve: a autonomia do Estado. A lógica e interesses do Estado não estão necessariamente fundidos com os interesses da classe dominante. “Onde existem, estas organizações fundamentais do Estado são pelo menos potencialmente autônomas do controle direto da classe-dominante” (SKOCPOL, 1979: 29). A determinação do então governador Arruda de não renunciar, apesar do que Matheus mostra como abandono político do governador por sua base política, mostra essa divisa entre Estado e classe-dominante. E neste vácuo um espaço foi aberto para a atuação do Movimento Fora Arruda e Toda Máfia.

“Então, uma primeira sensação foi assim, de agora a gente pode constituir e consolidar uma posição, uma posição aguda que é um pouco o sentimento semelhante que teve quando estourou o escândalo do Timothy, porque ele estava também muito avassalador, ele tinha o domínio de tudo. Então, a sensação era um pouco essa, nós precisamos derrubar esse cara, ele tá pra cair, vamos derrubar ele.” (Paíque, Entrevista 2011)

É importante notar que o MFATM não nasceu de um vácuo. Paíque o vê como parte da geração dos “foras”: Fora Arruda, Fora Timothy, Fora Gilmar, Fora Sarney. A partir dessas mobilizações que visavam à derrubada de políticos corruptos, entre outros movimentos, redes pessoais e ideológicas foram se formando e consolidando. Raul Cardoso traça esta conexão

49

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/prisao+de+arruda+tem+apoio+da+populacao+diz+pesquisa/n1237589025668.html> , importante notar que esta última pesquisa era nacional e não regional.

entre a consolidação do movimento estudantil da Universidade de Brasília, a partir da Ocupação da Reitoria em 2008, e a formação de laços entre esta e outras organizações.

“O processo de ocupação da reitoria da UnB foi responsável por consolidar uma rede de mobilização do movimento estudantil. A “união muito forte” a que Diogo se refere foi formada na ocupação da reitoria e se manteve em outros momentos e embates, chegando até o movimento Fora Arruda. Para que fique mais clara a semelhança entre os dois processos, temos que comparar a organização da ação. Nas duas ocupações, o movimento se estruturou de forma não-hierarquizada, dividido nos mesmos quatro grupos de trabalho e com a centralidade do processo decisório na Assembleia Geral.” (CARDOSO, 2011: 41)

Assim como o movimento Fora Timothy, o Movimento Fora Arruda e Toda Máfia teve sua formação caracterizada em grande parte pelo uso do recurso da ocupação. Utilizando Tarrow, Cardoso analisa as ocupações como parte do repertório dos movimentos sociais.

“Uma ocupação é uma performance pública de ruptura, ou seja, é uma ação que gera grande instabilidade, reafirma a identidade do movimento e amplia o conflito (TARROW, 2009). Mais ainda, é parte do que Tarrow chama de ‘novo repertório de ação’ (2009), sendo uma forma de ação com estrutura e organização padrão, que pode se adaptar a diferentes situações, e de iniciativa de um coletivo em defesa de interesses amplos que atingem toda a sociedade. Em outras palavras, os três critérios que Tarrow apresenta pra determinar o novo repertório são atendidos, é um movimento cosmopolita, modular e autônomo.” (TARROW apud CARDOSO 2011: 42)

Voltando a Tilly, vemos dentro da ocupação da CLDF os elementos de *WUNC*. A congregação de pessoas mostra números e unidade. A permanência da ocupação a despeito da ameaça da repressão estatal, como o mandado de reintegração de posse, por exemplo, demonstra o compromisso com a luta. E a proibição do uso de bebidas alcoólicas e drogas dentro da ocupação demonstra valor (TILLY, 2005).

Ambas a caracterização feita por Paíque e a análise de Raul apontam para a criação de redes ativistas interpessoais (a geração dos Fora, a organização do movimento estudantil). Aqui voltamos ao conceito de campanha descrito por Tilly, uma atividade sustentada por um longo período de tempo. Dentro do contexto político da crise do Mensalão do DEM encontrou essas movimentações encontraram uma pauta ampla, que relaciono ao tipo ideal do Rei Injusto sem legitimidade (TILLY, 2005 e HOBSBAWN, 1959). Desta forma o Movimento Fora Arruda abrange as três categorias que Tilly usa para diferenciar os movimentos sociais de outros conflitos sociais: campanha, repertório e *WUNC*.

Capítulo 2

No filme americano *Be Kind, Rewind* (Seja Gentil, Rebobine) os personagens principais “refilmam”, o acervo de uma locadora, alugando-os depois. Fazem isso para ganhar dinheiro-querem salvar o prédio onde se situa a locadora. O prédio tem um valor sentimental, lá um grande pianista de Jazz, Fatz Waller, nasceu. Mais tarde, isto é revelado como uma mentira, deprimindo o protagonista do filme. Os moradores da pequena cidade se reúnem ao redor do prédio e tentam animá-lo. Nesta cena, uma moradora diz “nosso passado nos pertence, podemos muda-lo se quisermos”⁵⁰.

Este capítulo lida com os eventos que aconteceram dentro da ocupação da CLDF pelo Movimento Fora Arruda e Toda Máfia. Começa sexta-feira, dia 4 de Dezembro de 2009, terça-feira, e se encerra na terça-feira, dia 15 de Dezembro. Muitos dos relatos destes eventos são conflituosos. Optei por manter estes conflitos dentro do texto ao invés de homogeneizá-los.

Reintegração de Posse

No dia 4 de novembro de 2009 a primeira coisa que se via ao olhar para a CLDF era uma larga bandeira com as palavras ‘A Casa do Povo’. No gramado em frente ao prédio, Luana e algumas outras pessoas tentavam construir um panetone gigante de madeira. A porta de vidro quebrada foi substituída por uma porta de madeirite. Em frente a ela, sentado em uma cadeira de plástico Antônio, um homem alto e magro, vestindo uma camisa da Gaviões da Fiel, abordava visitantes de maneira polida e profissional com direções. Pedia para assinarem seus nomes em um mural dentro do prédio. Após isso, a melhor opção era ingressar dentro de uma das comissões do movimento.

O dia a dia da ocupação era estruturado da seguinte forma: as pessoas acordavam ou eram acordadas às sete e tomavam café da manhã. Depois ocorria a primeira assembleia. À tarde

⁵⁰ Our past belongs to us, we can change it if we want to.

comida era disponibilizada para o almoço. À noite, entre 19h e 20h, havia o jantar e, depois dele, uma assembleia noturna. Durante o dia, ocorriam diferentes atividades dentro e fora da CLDF, como discussões, programas de rádio, etc.

Muitos dos presentes já tinham participado da ocupação da Reitoria. Isso criava um vínculo entre as duas ocupações tanto dentro da cobertura da mídia e nas impressões de alguns dos participantes:

“Indo mais além, nossa segunda hipótese se dá a partir da percepção colocada pela imprensa e percebida pelos entrevistados de como o repertório de ação e a orientação do movimento [Fora Arruda] seguiam os entendimentos de um movimento estudantil que possuía uma coesão grande e fundamentada há mais de um ano na ocupação da reitoria da UnB. Assim como no caso da CLDF, na UnB houve um processo de ocupação do prédio da reitoria da universidade por estudantes em função de denúncias de corrupção. Esse primeiro processo parece ter dado as bases para o fortalecimento das relações dentro do movimento estudantil e permitiram, no ano de 2009, contribuir como o principal ator coletivo na ocupação da CLDF.” (CARDOSO, 2011: 17)

No final da tarde, a notícia começou a circular de que o pedido de reintegração de posse foi concedido. Ariel G. Foina, advogado que advoga para movimentos sociais autônomos no DF e no Goiás voluntariamente, explica a relação entre reintegração de posse e movimentos sociais da seguinte forma:

“Primeiro posse, tá? Posse, pro direito, é o exercício de uma das faculdades da propriedade. Ela tem quatro faculdades: dispor, usar, fruir etc... Então quando você fala de reintegração de posse, você fala de devolver à Câmara a faculdade de uso do bem. Ela pode defender, alienar mas ela não pode usar porque a galera tá lá. Então a reintegração de posse é a via que existe para poder devolver o uso do bem.

A questão é que quando você reduz o ato, na verdade, eh, a questão não é o uso da via da reintegração contra o movimento social. O problema é o seguinte, quando você entra com a reintegração você reduz o ato à mera discussão de direito civil, do exercício de propriedade. Você na verdade tá tratando a ocupação da CLDF como um esbulho de propriedade, tá. É erro no, no, na interpretação, no ato da interpretação, desse erro que decorre a via, o uso da via da reintegração de posse.

Por que que é um erro? Porque uma ocupação não é um ato de esbulho, ela é um protesto. E o judiciário deveria ver uma ocupa como um direito de manifestação, não de uso. Assim como greve é visto como direito de manifestação dos empregados, e não é tratado como mera, mera falta de presença e postura no trabalho, a ocupação não deveria ser vista como uso, ela deveria ser vista como ato político mais complexo.

A via da reintegração de posse é estreita demais para um protesto. Por exemplo: em um processo de reintegração de posse, não se chama as partes antes da decisão. Em uma greve você tem vários canais antes que se declare algo sobre a greve. Talvez o que se pode criticar sobre o uso de reintegração no judiciário e que se ver a ocupação só como direito de propriedade. Quando se fala de reintegração de posse, se tá falando de atrapalhar o uso de

um bem, e você não chama o outro lado. O judiciário quando ele só ver pela faculdade de uso, ele ignora o lado mais complexo do problema que é o exercício de manifestação.

Quando houve a ocupação da reitoria, eu falei isso para imprensa, o que se tinha era uma ilegalidade legítima pelos estudantes, e uma legalidade ilegítima por parte da reitoria. A compra da lixeira ela foi legal, ela foi dentro da lei, o TRF⁵¹ verificou isso recentemente. Mas não era próprio gastar dois mil reais em uma lixeira em uma universidade.

Então o que tá em jogo aí, a questão é que você tem uma ilegalidade legítima. Com relação à lei o que se discute é legalidade, legitimidade não tá dentro da lei, interpretação de legítimo tá fora, em outras coisas.

Vou te dar um exemplo claro: matar alguém. Matar alguém. Matar alguém é um ato lícito. A lei não diz que é ilegal matar alguém. O código fala pena. Então a lei não proíbe matar alguém. Mas é antijurídico, porque quando você tem uma pena, a justiça tá dizendo que não é correto, a intenção da lei é evitar que aquilo aconteça. São coisas maiores do que a lei. Porque a lei penal se limita a punir você. O que determina a proibição é o Estado, a moral, a cultura. A proibição é parte da cultura. O direito penal só aplica a consequência. Por isso que eu digo que matar alguém é legal. É algo que considera tão óbvia, tão óbvia, que basta você estipular uma pena.

Então quando eu falo que a compra da lixeira é legal porem ilegítima, eu falo neste aspecto. Porque não se espera que uma pessoa que tá ocupando o cargo publico de Reitor fizesse uma compra deste tipo, e que os conselhos que controlam ele o autorizem.

Uma das coisas que é importante destacar, é que quando você destaca ocupação de invasão, você tá mudando o foco. Quando você fala invasão, a faculdade de uso é apropriada só para o uso do bem. Quando ocorre uma ocupação, seja da reitoria, a CLDF, a Casa das Pombas, o que se tem é a apropriação do direito de uso, mas sim para exercício da liberdade de pensamento, de manifestação política... ou para fins sociais da propriedade, como foi o da Casas da Pombas. (Ariel G. Foina, Entrevista 2011)

Uma jovem informou Paíque que o pedido de Reintegração de Posse havia “saído”. Paíque respondeu, batendo no relógio de seu celular e sorrindo, “já passaram das seis horas”⁵². Normalmente, um pedido de desocupação só pode ser cumprido de segunda a sexta, sol a sol, ‘seis as seis’ (das seis da manhã até as seis da tarde). Em casos especiais (como presídios), pode ser pedido ao juiz que adicione um prazo extraordinário, além do normal.

O impacto da notícia começou a ser sentido durante o final do dia. Em frente à Câmara Legislativa, por exemplo, havia uma viatura d Polícia Militar. Um pouco mais distante, havia um ônibus. Desde o início da ocupação, os turnos de vigia da polícia eram trocados a cada oito horas, uma nova viatura e ônibus chegavam, os antigos partiam. Mas desta vez a troca foi

⁵¹ Tribunal Regional Federal

⁵² Normalmente, um pedido de desocupação só pode ser cumprido de segunda a sexta, ‘seis as seis’ (das seis da manhã até as seis da tarde). Em casos especiais (como presídios), pode ser pedido ao juiz que adicione um prazo extraordinário, além do normal.

confundida com uma ação de reintegração. Uma jovem que conversava na porta começou a correr Câmara Legislativa adentro gritando ‘A polícia! A polícia tá chegando!’. Pessoas correram para entrada, quando notaram que era apenas a troca de turno.

Assembleias

Assembleias participativas remetem ao conceito de “democracia radical” de Rousseau, “nenhum homem maior do que o outro”. Incorporam elementos executivos, legislativos e judiciais, sendo autoridades supremas em diversos movimentos e ações sociais, particularmente em ocupações de instituições públicas. Também tendem a incorporar diferentes indivíduos em termos de idade, gênero, classe social, experiência em termos de ativismo, etc. Especificamente, ao falar de assembleias participativas, falamos sobre reuniões em um único lugar físico, com todos os membros disponíveis de um determinado ato político.

Uma separação entre duas instâncias distintas de assembleias pode ser feita. A primeira é a assembleia que figura como sendo parte estrutural de um ato contínuo, como parte de um repertório de uma campanha ampla (TILLY, 2005). Em ocupações, assembleias tendem a ser incorporadas dentro do itinerário do movimento: por exemplo, pode haver uma assembleia pela parte da manhã, onde se decide o que será feito naquele dia, e uma à noite, onde se debatem as ocorrências do dia. Como descrito acima, o próprio Fora Arruda é exemplo disto.

Por outro lado, assembleias podem ocorrer durante atos políticos pontuais, de curto prazo. Geralmente abrem ou fecham um determinado ato. Por exemplo, uma assembleia pode ocorrer antes de uma passeata, enquanto os participantes chegam ao local, ou ao final, geralmente ao atingir um determinado espaço simbólico.

Assembleias são um recurso recorrente dentro de movimentos autônomos. Elas são expressões concretas da visão autonomista de “dar-a-si própria suas próprias leis” (LIBERATO, 2006). Elas também expressam o conceito autonomista de auto valorização, permitindo e incentivando a participação de todos os participantes nas decisões coletivas do movimento (LIBERATO, 2006).

Christine Alencar Chaves, em *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Um Estudo sobre a Fabricação do Social*, escreve “essa capacidade que o rito tem de constituir uma espécie de necessidade social... de engendrar formas elementares da vida social.” Por esta ótica, a assembleia, particularmente durante ocupações, pode ser enquadrada com um rito. Ela se imbuí dentro do cotidiano dos manifestantes, que frequentemente abrem e fecham seus dias com ela. Reúnem todos os participantes juntos, e assim fazendo, criam uma sensação de comunidade.

Chaves escreve que o maior desafio do MST é “a construção de uma identidade e de uma sociabilidade próprias e, ao mesmo tempo, um poder político eficaz”. Apesar das diferenças entre o MST e o Movimento Fora Arruda, as assembleias aparentam ser uma das soluções encontradas pelo movimento a este desafio. Utilizando esta perspectiva, da assembleia como um “modo de fabricação do social”, para usar o termo de Chaves, temos um ritual criativo e estruturador, com a participação de toda comunidade ali presente (CHAVES, 2000).

As duas assembleias não eram as únicas reuniões feitas dentro da ocupação. No mesmo dia que saiu a reintegração de posse, antes da assembleia noturna, ocorreu uma reunião “dos autônomos”. Frisavam que eram maioria absoluta do movimento, mas que “os partidos” estavam tentando se apropriar do “Fora Arruda”, como era chamado, para servir seus fins políticos.

O que os partidos, ou pelo menos alguns partidos, eram acusados de fazer era algo chamado de aparelhamento. É difícil definir o significado deste termo já que, durante a extensão do movimento, muitos partidos e organizações apartidárias (autodenominados como autônomos ou não) em algum momento foram acusados de aparelhamento por outros partidos que também sofriam ou sofreram a mesma acusação. Práticas associadas com o conceito de aparelhamento incluem, por exemplo, intencionalmente prolongar a assembleia. Todos os membros presentes de um partido (um número pequeno, normalmente) se inscreviam em todas as pautas, repetindo o discurso dos anteriores. Desta forma, uma assembleia ao invés de durar uma hora durava quatro, acabando de madrugada.

Como escrito antes, todo dia ocorriam duas assembleias. Com o passar do tempo esta continuidade começava a gerar um desgaste físico e emocional nos manifestantes. Para manter o grau de mobilização julgava-se necessário que as assembleias não se alastrassem. Isso permitia que os manifestantes pudessem descansar, já que dormiam dentro do Plenário onde ocorriam as assembleias, e minimizava conflitos e o desgaste das repetidas assembleias em si.

Uma sequência de assembleias longas e conflituosas aumentava o desgaste. Pessoas começavam a ir embora, para casa, dormir, etc. Os autônomos acusavam os partidos de fazerem isto intencionalmente para aumentar sua proporcionalidade. Ao final da assembleia, se os apartidários saíssem cedo, na hora da votação final a proporção partidária seria muito maior em comparação ao início.

Como dito anteriormente, estas tensões não ocorriam somente entre apartidários e partidários. Encerrada a assembleia da noite de 04 dezembro, uma militante do PSTU pegou o microfone e acusou Cabo Patrício, deputado do PT, de tentar acabar com a ocupação. Cabo Patrício assumiu a presidência da Câmara Legislativa quando Leonardo Prudente, seu antecessor, apareceu em um filme colocando dinheiro em suas meias. Supostamente pressionado pela ameaça de impeachment por impropriedade administrativa,⁵³ ele solicitou a reintegração de posse na CLDF, que foi concedida no mesmo dia. Daquela sexta-feira em diante a ocupação estaria ameaçada por uma desocupação policial a qualquer momento.⁵⁴

Um motivos recorrente de tensão dentro de assembleias é o uso da “questão de ordem.” Carla Costa Teixeira em *Decoro parlamentar: entre agressões morais e indisciplinas estratégicas* descreve a questão de ordem, no Congresso Nacional, como um direito parlamentar, utilizável por qualquer destes, que ocorre com grande frequência (TEIXEIRA, 1997). Em assembleias

⁵³ Em reuniões (com distritais, assessores), Cabo Patrício supostamente se descrevia como não tendo opção. A bancada da oposição era maioria e boatos circulavam constantemente sobre a possibilidade (ou agendamento) de uma reunião dos deputados conservadores ‘em um quartel da PM’ onde substituiriam Patrício com um de seus membros. Se isto era legalmente viável, eu não tenho a mínima idéia.

⁵⁴ A medida que a ocupação avançava, a atitude do deputado Cabo Patrício aos manifestantes se tornava mais ameaçadora; a ordem de reintegração de posse era seu trunfo. ‘Eu só preciso assinar o papel e a ocupação acaba’ era uma frase citada com frequência.

participativas, questões de ordem são definidas como “questões de para-tudo”, um exemplo frequentemente dado “questão de ordem: a polícia está chegando”. Teixeira o vê como um recurso oposicionista recorrente, mas em assembleias, onde oposição e governo não são categorias nítidas, ela é sarcasticamente definida como “questão de quero falar”.

Em algumas assembleias conflituosas, com grandes números de participantes, acontecia o que era apelidado da “chuva da questão de ordem”. Falas eram interrompidas continuamente por membros que discordavam da perspectiva do orador. Estas frequentes interrupções podem provocar hostilidade e retribuições por interrupções prévias. Isso cria uma semelhança com a questões de ordem observadas por Teixeira no Congresso, servindo como um meio acidental de obstrução (TEIXEIRA, 1997).

Outro recurso divisivo é a questão de esclarecimento. A questão de esclarecimento é definida como um meio de solicitar esclarecimento sobre algum tema ou acontecimento anterior da assembleia. Nas oficinas de assembleia, ela é definida como questão de “por favor explique”. Essa interpretação sofre uma inversão durante algumas assembleias, se tornando uma forma de explicar posições do solicitador, e não de solicitar esclarecimento. Desta reinterpretação surge o “golpe do esclarecimento”: a questão de esclarecimento se torna uma defesa de posição política, sobressaltando a ordem das falas.

Outra semelhança com a descrição do Congresso feito por Teixeira é em como estas obstruções são processadas pelo “coletivo”. A falta de civilidade é lamentada, porém a responsabilidade nunca é formalmente atribuída a um indivíduo. É visto como um problema do coletivo ou (raramente) de um determinado grupo político (TEIXEIRA, 1997). Mesmo os que saem da assembleia como forma de protesto refletem sua indignação de forma ambígua, dizendo que “não conseguem mais aturar aquilo”, etc. Assim, uma certa coesão é mantida dentro daquele ambiente, pois os problemas são elevados ao nível estrutural e não rebaixados a um nível pessoal.

Apesar de todas estas dificuldades, assembleias são quase sempre encerradas por uma salva de palmas. A salva é ocasionalmente caracterizada de forma sarcástica, “sobrevivemos mais uma”. Mas há sim uma gratificação de ter participado do que Rancière chama de uma

instância democrática. “Entre aqueles que sabem como compartilhar com todos e qualquer um o poder igual da inteligência, isso pode reciprocamente provocar coragem, e por então alegria” (RANCIERE, 2005: 97).

Em sua resenha de *A Marcha Nacional dos Sem-Terra* Antonádia Borges escreve:

“A autora inclui a participação na Marcha como uma faceta do processo de formação dos Sem-Terra. Os marchantes foram escolhidos em assembleia, nas suas regiões de origem, por serem considerados militantes qualificados para o que se tinha como um sacrifício. As assembleias, como vemos em todo o livro, são espaços sociais legítimos para a efervescência e a vazão de juízos morais. Tratava-se, portanto, de eleitos que em holocausto seriam oferecidos em nome do sagrado – sendo este relativo ora à terra, ora ao próprio MST. Como em um rito de passagem, esses homens e mulheres, cobertos de chagas e júbilo, retornariam aos seus, como peregrinos contemplados.” (Borges, 2001)

Existem claras diferenças entre o contexto da ocupação da CLDF e a Marcha Nacional do MST. Mas é interessante notar as semelhanças do participante como “sacrificado”. Voltando a Tilly, uma das categorias de *WUNC*, compromisso, contém o elemento de sacrifício (Tilly, 2005). O participante comprometido com a luta do MST é sacrificado à Marcha Nacional, e o participante do Fora Arruda demonstra seu compromisso se sacrificando à Assembleia. Uma visão dualística das assembleias da ocupação da CLDF, com elementos divisivos em oposição a elementos coesivos, não contempla o que Borges e Tilly demonstram: o sacrífico contém um potencial coesivo.

Luiza

“...Eu acho que, como mulher, quando a gente se depara com certas questões, certos comentários, mesmo antes de eu ter muito contato com feminismo eu me chateava muito com comentários sexistas... Então mais essa questão da diversidade sexual já, faz que, não sei, a gente começa a enxergar algumas coisas assim, algumas dificuldades.

“Ai com o tempo foi andando essas coisas, eu me lembro que, assim, antes da academia eu não tinha muito contato, só aquele contato leve né, superficial de ensino médio. Mas... ai na UnB, e minha mãe já tinha feito gênero... Quando ela fez UnB... E ai comecei a me dar conta de alguns, mitos do ocidente, né? E toda essa epistemologia ocidental, de racionalização de mente acima do corpo, uma ideologia muito misógina, né? Sempre o homem como racional, mulher como presa ao corpo, que são bem questões de epistemologia feminista, mesmo. E ai, é, não sei, eu fui com o tempo, me importando com essas coisas. E também sobre questão de direito ao aborto. Que é uma coisa que desde muito nova, eu questionava assim.” (Luiza, Entrevista 2010)

Luiza considera que seu interesse pelo feminismo e a política começou com sua família. Apesar de não concordar com todas suas ideias, sua mãe é uma pessoa aberta para discutir diferentes ideias que tinha sobre gênero. Seu pai também é tranquilo sobre diversidade sexual

“inclusive porque ele vive no Beirute [o bar, não a cidade]”. Porém ele não vê gênero como uma questão importante, o que Luiza atribui à sua formação Marxista-ortodoxa.

O envolvimento de Luiza em grupos de gênero fomentou uma participação cada vez maior em questões políticas. Até mesmo antes de ser envolver com esses grupos, já era interessada em algumas causas, como por exemplo, a luta contra o Setor Noroeste. Um pouco menos de um ano antes do Fora Arruda sua amiga, Eliza, a apresentou ao Confessionário. O Confessionário é um grupo de estudo de gênero da UnB. “E eu já tinha meus questionamentos de gênero, leitura de gênero, só que eu nunca tinha feito parte de nenhum grupo. E então, e eu comecei a me envolver, e aí, eu fui me envolvendo cada vez mais, em grupos assim. Teve até uma época que eu tava em tudo ao mesmo tempo.”

Luiza começou a receber e-mails por diversas listas, chamando para a manifestação da CUT. “[Quando] eu cheguei lá e já tava ocupado, mas tava uma bagunça assim, cheio de gente, e com muita imprensa, quer dizer, tem imprensa o tempo todo, mas foi na, na hora bem pós-ocupação, a gente ainda tava votando se ia ficar ou ia sair.” Conhecia algumas pessoas (Paíque, Abayomi, Lagarto). À medida que permaneceu no local, foi conhecendo outras. “Eu via também que quase não tinha feministas no movimento então uma coisa... até que tinha mais tava muito difuso, e aí eu acabei ficando. Eu tava numa época muito empolgada da minha vida, então eu ia todo dia, tava todo dia lá.”

Começou a encontrar resistência dos manifestantes. Por exemplo: Luiza me contou que casos de abuso, assédio sexual e estupro são muito comuns em ocupações. Sugeri que mulheres carregassem apitos para poderem chamar ajuda em caso de violência sexual. Foi ridicularizada. À medida que não cedia, não parava de fazer suas críticas, era mal tratada.

Um dia estava com suas amigas entrando na CLDF quando alguém as chamou de “gostasas”. Irritada, foi até o Confessionário. Algum grupo, que não era o Confessionário da qual pertencia, havia erguido um cartaz. Pessoas eram incentivadas a desabafarem, confessarem seus preconceitos e escreverem, um confessionário. De acordo com Luiza, este aparentemente era inspirado no programa Big Brother. Descontou sua raiva no papel, descreveu o que tinha acontecido.

No próximo dia, viu um comentário abaixo do seu. Para o escritor, “gostosa” era um elogio e não havia nada de errado com dizer isso a mulheres. Afinal, as mulheres podem chamar os homens de gostoso e não havia nada de errado com isso. Porque não podemos todos ser de boa?

Indignada Luiza entrou na plenária, onde um programa de rádio estava sendo transmitido. Pegou o microfone e denunciou o machismo do movimento. Um homem assumiu a autoria da frase, mas começou a se desculpar após notar que as palavras dela tinham respaldo com as outras mulheres ali presentes. Acusou-a de dividir o movimento com suas críticas. Muitas das outras mulheres começaram a pegar o microfone e reclamar do machismo que sofriam. Luiza descreve este como um momento de catarse. Mas tudo tem seu preço. Depois daquele dia sentiu que era tratada de maneira muito mais fria e cautelosa, como se fosse frágil ou volátil.

Reunião

Erika Kokay, deputada distrital pelo PT⁵⁵, solicitou uma reunião com os manifestantes. Entre eles estavam Raul, do DCE, Diogo Ramalho, Delano, Luisa (membra do PSTU), Janjão (membro do PV, Partido Verde) e Pilha,⁵⁶ seu assessor. Quando outros manifestantes descobriram que membros do movimento estavam em uma reunião com uma deputada distrital, sem consulta previa, tensões emergiram. Abayomi em particular descobriu por meio de Rafa Madeira. A reação dele foi de ir até o gabinete da deputada e se juntar a reunião:

“Aí eu entrei no gabinete dela e encontrei mó galera, caralho que merda. Só que nisso eu já tinha recebido o conselho da galera pra não ficar estourando o tempo todo, para não implodir a parada... Aí eu fiquei de boa, respirei fundo, aí eu sentei com eles e quando eu fui falar, aquela coisa, você fala com a voz bem carregada de raiva, mas você ainda está tentando se controlar assim. Eu não agi assim pelo menos. Eu peguei, respirei fundo, saí e eles pediram pra eu sentar, conversar. ‘Não, participa aí da conversa com a gente, pra você ver que não tem nada a ver’.

Eu falei, ‘véi, não quero, não foi decidido que ia ter essa reunião aqui, coletivamente’. Uma das paradas que me salvou muito assim, durante várias vezes lá dentro foi, tipo, eu não estava conseguindo participar da dinâmica pra formular ações coletivamente, mas toda vez

⁵⁵ Ela se tornaria deputada federal depois da eleição de 2010.

⁵⁶ É importante notar que a participação do Pilha nesta reunião, pelo relato do Raul, aparenta ser de caráter accidental. Ele apareceu, em medias res, e simplesmente sentou-se. A própria Kokay teria perguntado o que ele estava fazendo lá.

eu tentava o máximo possível respeitar as decisões coletivas, eu só fazia o que o coletivo decidia... não vou fazer isso porque não foi decidido coletivamente, ninguém tá sabendo, e eu vou avisar a galera.

Eu saí e avisei a galera. Nisso que eu tava avisando a galera, eu falei tá tendo isso, tá acontecendo, é mó pilantragem. Todo mundo ficou imaginando que ia ser isso, que ia acontecer uma merda, que ia implodir a ocupação e tal. Que ia, sei lá, que ia acabar ali a ocupação, pelos nossos próprios erros.” (Abayomi, Entrevista 2011)

Raul, que participou da reunião, relata o seguinte:

“A reunião em si não era polêmica, a polêmica veio da realização da reunião, não do que foi discutido. Eu tava na ocupa de boa, acho que não tava rolando nenhuma atividade, ia ter uma mais tarde se eu me lembro, aí a Débora,⁵⁷ acho que foi a Debora, sabe? É, a Débora Cruz, se eu não me engano, me encontrou, ela tava na liderança do PT, ‘a Érika apareceu e queria conversar com vocês.’

‘Então com quem que ela quer conversar? Se ela quer conversar, vai pra assembleia.’

‘Mas não ia dar pra ela ir etc e tal’

Aí eu fui pra comissão de negociação. ‘Vocês botam fé de ir?’ A gente foi. Acho que alguém passou pela janela e viu a gente, e aí começou, recebemos umas mensagens, do Arturzão. ‘A gente sabe que vocês tão aí dentro negociando a saída da gente, ou vocês vão embora agora ou saímos.’ Quem recebeu as mensagens foi eu e o Delano. Tipo, não tem nada a ver isso, é mal entendido, a gente ficou sem saber o que fazer.

Aí, chegou o Rafa [Madeira] e o Abayomi, entraram na sala, e começaram, ‘vocês não tem legitimidade pra fazer essa conversa, tem que ir pela assembleia’ bem mal-estar na hora. A Érika sem saber o que fazer, não tinha intenção de fazer, ela queria só saber. A gente começou a falar. Eles chegaram pela janela! Foi isso. Eles chegaram foi pela janela. O Abayomi e o Rafa. ‘O que que vocês tão fazendo, aí? Não, gente, isso daqui não é nenhuma reunião secreta. Vocês querem entrar, entra aí...’

O que me fez ficar meio indignado na hora, porque a gente não tava negociando nada - era, a raiva era dirigida, a raiva era com algumas pessoas. Janjão, a Luísa. Eu era quem primeiro ouviu falar da reunião, e o primeiro a falar com as pessoas. Não havia confiança política em membros da comissão, mas em outras pessoas tinha confiança, em mim havia confiança.

O resultado foi que teve uma assembleia mais cedo..., a gente ficou debatendo, cinco horas passando, e nada mudou (risos). A comissão foi mantida e nada mudou... A gente tava em um contexto de muita tensão, e quem tava mais puto era quem tinha mais contato com o movimento autonomista: Delano, Diogo, eu, poucos conheciam o Janjão e a Luísa, como, o resultado foi isso, a reunião explodiu, não tinha decisão a tomar. Pior que nem foi tanto tempo, foi vinte minutos de reunião, nem falamos muito, a Érika fala pra caralho, e a reunião explodiu.” (Raul, Entrevista 2010)

Sábado

Sábado, 12 de Dezembro, uma semana depois da reintegração de posse ser concedida (porém não concretizada), após o encontro da comissão de negociação com Érika Kokay,

⁵⁷ Assesora da Hérica Kokay

todos os diferentes grupos (majoritariamente partidos) tiveram reuniões. A ideia era tirar um posicionamento para a assembleia. Enquanto diferentes partidos se reuniam, Abayomi e outros chamaram uma reunião dos grupos autônomos.

Aí todos os grupos políticos chamaram uma reunião deles. O pessoal chamou a galera deles e falou, vamos conversar, o PT chamou a galera dele chamou pra conversar, quer dizer, não tinha galera do PT lá, mas o Pilha... ah, essa foi a pilantragem maior... Aí beleza, o PT chamou a galera pra conversar, o PSOL chamou, cada grupinho chamou.

Aí a gente pegou e ‘ah, vamos chamar nossa reunião também, mas a gente não precisa formular ações, não precisa maquirar nada, mas vamos colocar a galera em sobreaviso’. Aí a gente foi chamando quem tava de fora das sub-reuniões, que era todo mundo da ocupação. (risos) Simplesmente todo mundo da ocupação estava excluído das reuniões deles. Eles tinham a cúpula deles e a gente estava de fora. A gente pegou e quando olhou aquilo assim, a ocupação toda estava em uma reunião e tinha sub-reuniões para decidir o rumo da ocupação, a gente ‘véi, é isso, a gente precisa se organizar pra tirar o poder desses caras, a gente não precisa decidir o que a gente vai fazer, não precisa expulsar ninguém da ocupação, mas a gente precisa deixar as coisas às claras, que estão acontecendo em movimentos por baixo do pano que a gente não sabe, é gente querendo aproveitar o que está acontecendo politicamente e a gente não pode ser marionetes na mão desses caras.’ (Abayomi, Entrevista 2011)

Durante a assembleia daquela noite, a comissão de negociação foi acusada de estar “mandando” na ocupação. Teriam entrado em acordo sem ter consultado o resto do movimento, algo que não tinham legitimidade alguma para fazer. Como escrito acima, a assembleia serve como autoridade suprema em muitos movimentos. Nenhum grupo ou comissão que não seja a assembleia tem legitimidade para tomar decisões que impactam o coletivo. Qualquer decisão tomada por eles violaria os conceitos autônomos de auto valorização e “dar-a-si própria suas próprias leis”. Não é uma questão de representação, mas de legitimidade: as únicas regras legítimas são as decididas pelos próprios participantes, que são todos igualmente capazes de se regerem (RANCIERE, 2005).

Os membros da comissão negaram a acusação, mas o curso da assembleia foi definido. Durante cinco horas acusações foram trocadas, e diferentes grupos e partidos ameaçaram abandonar o movimento. Ao final, nenhum grupo ou partido abandonou o movimento, nenhum membro da comissão de negociação saiu dela. Mel, parte do Diretório Central dos Estudantes da UnB, chorou do lado de fora após a assembleia. Ela tinha sido parte da mesa, e estava triste porque a maioria das pessoas “neutras” abandonaram a assembleia, desgastadas. Raul refletiu que as assembleias da ocupação estavam lentamente se tornando exercícios fratricidas.

Domingo

Luiza estava compondo a mesa, encarregada de inscrições durante outra assembleia deste fim de semana. Acredita que foi Domingo. De acordo com Luiza o ambiente da assembleia estava muito tenso. Não tinha comido nada naquele dia. Também se sentia desrespeitada.

Como foi escrito anteriormente, o Forra Arruda tinha vários grupos e redes atuando dentro dele. Um processo de articulação entre estes vários grupos já havia começado a ser traçado durante o Movimento Fora Timothy e pelo que Paíque descreve como a Geração dos Fora (CARDOSO, 2011). Tilly vê o estabelecimento de associações, grupos, etc. como uma parte fundamental do repertório de movimentos sociais, pois formam a estrutura que permite campanhas de longo prazo (TILLY, 2005). Este é um processo contínuo de movimentos, e um processo que eles “sabem sobre como fazer” (TARROW *apud* CARDOSO, 2011: 22).

Luiza, por não ser parte das redes sociais que compunham a maioria do Fora Arruda, não conhecia o nome de muitos dos presentes, algo que “admite” livremente. Acredita que isto se tornou desculpa para desrespeitá-la. Quando os presentes queriam falar, solicitavam a inscrição ao homem a sua direita. Isto continuava, apesar dela mencionar várias vezes, em voz alta, que inscrições eram com ela. Outros perguntavam, de forma que ela considera paternalista, se ela estava conseguindo lidar bem com a tarefa de inscrições.

Ambas Luana e Talitha lembram ver Luiza chorando naquela assembleia. Ela própria não se lembra disto, mas diz que talvez tenha. Passadas algumas horas dentro da assembleia, decidiu ir ao banheiro. A caminho desmaiou.

Pilha chamou uma ambulância. Luana, que cursava enfermagem na UnB, se ajoelhou ao seu lado e começou a cuidar de Luiza enquanto uma roda de curiosos e preocupados se formou ao redor. Com água e biscoitos de água-e-sal, Luiza gradualmente foi se recuperando até ser levada ao banheiro por um grupo de mulheres do movimento. Depois foi dormir.

Em outra assembleia, Luiza chegou ao limite de sua paciência. Começou a denunciar todos os problemas que via, e se os homens não os viam, era porque não estava acontecendo com eles.

Algum menino, que Luiza caracteriza como “tosco”, começou a discordar dela. Disse que o espaço era completamente aberto às mulheres, se não falam é porque não querem. Se não participam, é porque não querem.

“E aí, eu comecei a discutir com ele, e aí veio outro cara me falar ‘ah, eu tô me sentindo muito oprimido.’ Aí que eu fiquei muito brava mesmo, comecei a xingar ele, tipo ‘ah você é um cara, branco, heterossexual, e falando que tá sentindo oprimido, saca? Você faz noção do que é tá aqui? Nesse lugar de merda.’ Aí eu comecei a chamar o bicho de macho escroto.

“Aí, começou a juntar um bando de gente em volta de mim, aí eu vi que tinham assim os caras, e eu vi que eles tavam se aproximando, tipo avançando, assim, aos poucos, pra, sei lá, fazer alguma coisa, tentar me controlar, porque eu tava histórica (risos) algo do tipo. Aí eu falei não, deixa eu falar e tal, aí teve uma hora que conseguiram tipo, desviar e, não a gente tem que fazer a assembleia, aí conseguiram desviar pra assembleia. Aí ficou muito tenso, eu comecei a brigar com todo mundo. Pensei ‘ah cara, não aguento mais esse lugar, esse lugar escroto.” (Luiza, Entrevista 2010)

Uma consequência de todos esses conflitos foi que Luiza se afastou do movimento.

“Mas depois disso, assim, tirou boa parte da pilha assim. A não ser que eu vá com apoio mesmo, com minhas amigas, porque, o movimento não é para, é pra gente ficar mais forte, e não mais fraca. Acabou que é isso que aconteceu na época, me enfraqueceu. Direto aparece um bicho do Fora Arruda, tipo ‘e aí, por que você não aparece mais nas reuniões’ e tal. Tipo: Por que eu iria? Não tenho mais motivo pra tá lá. E tá, se for um movimento tosco, não é minha culpa, mas só eu que vou ter que carregar todos os caras na mão e olha só, isso é tosco, isso é errado. E ficar explicando pra eles o quanto eles tão sendo palhas, assim. Aí foi isso que eu, despilhei muito, dessa forma de movimentação política.” (Luiza, Entrevista 2010)

Os atritos que aconteceram com Luiza durante o Fora Arruda causaram uma forte impressão em Luana e Talitha. Por um lado, ambas não sabem se concordam com a metodologia de ter intervenções no meio” do movimento, em outras palavras, durante o andamento de atos, assembleias, etc. Por outro lado, nas palavras de Talitha: “como a gente realmente é, por que falar que você é feminista, falar que você entende a questão de gênero, acho muito fera, acho muito bonito. Agora eu acho que a gente só vê isso mesmo na prática, como a gente realmente é.”

Guto

“A são questões antigas mesmo, né? De moral, de ética, de crença. De tá numa luta importante, tipo aquilo pra mim foi algo maravilhoso, foi lindo... O que me fazia disposto a me sacrificar de certa forma, eram as pessoas com quem eu conversava, por exemplo. As ideias que via florescendo lá. Pessoal falando é...é... todos os amigos juntos, dormindo juntos, mesmo com as diferenças, o pessoal acreditando mesmo numa política mais justa, é, uma política que ajude a todas as pobres, aos negros, às mulheres, aos brancos, aos

homossexuais, a todos os grupos da sociedade. Essa crença maior é acreditar que aquele espaço, aquele movimento, não ia determinar isso. Eu sei que não seria o que faria com que isso se realizasse, mas era um mecanismo, dos muitos necessários, então achava que aquilo tava acima, a importância do movimento, tava acima da minha. Não sou tão importante quanto o movimento então eu posso me sacrificar pelo movimento.” (Guto, Entrevista 2010)

Guto, estudante de jornalismo na Universidade Católica, estava dentro do Plenário enquanto acontecia uma discussão. Como Abayomi, se considerava autônomo e desenvolveu uma revolta com o que acreditava ser o aliciamento do Fora Arruda por grupos políticos. Ele e outros responderam escrevendo “Sem Partido” em lençóis e camisetas brancas, usando e vestindo-as durante atos, para representar a “maioria silenciosa” dentro do movimento.

Durante a ocupação, Guto fazia parte da comissão de segurança. A comissão de segurança, em abstrato, estava encarregada de garantir a segurança dos manifestantes. A tarefa mais visível desta comissão é ficar em frente a porta, e avisando se, por exemplo, a polícia chegar.

Enquanto a assembleia caminhava, Guto pediu a um homem que carregava um copo se podia ter um gole do seu café. Só que o café era álcool, e isto era problemático. A polícia pode utilizar o uso de bebidas alcoólicas e drogas como critério para tomar ação. Esta é uma razão pela qual o uso dessas substâncias é proibido dentro dos prédios ocupados.

O homem não reagiu bem. Seu nome era Bruno, pessoa muito respeitada por seu longo histórico militante em Planaltina. Repetia que não existia nenhuma Lei Federal o proibindo de beber ali. Isto colocou Guto em uma posição difícil. Por um lado, ele acreditava (e acredita) que as decisões do coletivo, quando tomadas, devem ser respeitadas. Por outro lado o movimento tinha se definido como não violento. Então uma tentativa de retirar o homem à força deslegitimaria o Fora Arruda.

“...eu falei ‘cara, não interessa isso daí, nós somos um coletivo aqui, não é algo individual, nós temos que respeitar o que foi decidido pelo grupo’. Aí ele não quis saber, eu, a minha primeira, aí que entra a questão da rigidez que eu falei, a minha primeira vontade individual foi pegar o cara e tacar pra fora.... Pela violência. Mas, não seria correto porque também poderia manchar a imagem do movimento, então eu entrei e falei com o pessoal do Plenário, porque eu tava lá na fora cuidando da segurança. Falei com o pessoal dizendo isso e aquilo, precisava tomar uma atitude, pra resolver esse problema. Pessoal disse pra eu ter calma, que ia resolver isso, ia levar pro Plenário e.. eu sai e vi esse cara andando, rindo, bebendo aí, eu fui ficando mais nervoso, o tempo foi passando fui ficando de saco cheio, o cara cada vez mais desaforado.” (Guto, Entrevista 2010)

Guto tentou falar com Bruno de novo dentro do banheiro masculino, e foi recebido com hostilidade, o homem não gostou de ser seguido. Ao sair, Bruno empurrou Guto e andou até o lado de fora da CLDF. Guto o acompanhou.

Lá encontrou um grupo bebendo vinho. Preocupado, especialmente porque haviam dezenas de repórteres e jornalistas por perto, Guto pediu que fossem para um pouco mais longe. A maioria do grupo entendeu o pedido de Guto. Um dos participantes se irritou com o pedido. Ela começou a gritar com Guto e despirm-se. Guto tentou explicar ao grupo que não era careta, simplesmente pedia que não bebessem tão perto da CLDF porque danificava a imagem do movimento.

“E ela não quis saber; começou a discutir, a me xingar, e aí veio com um discurso. Ela era, ela era lésbica, segundo ela, ela começou com um discurso, virou pra mim e falou o seguinte: ‘você é negro? Você é homossexual? Você é mulher? Não, você não é. Você sabe o que é ser subjugado?’ Então eu respondi pra ela, ‘sei, é o que você tá fazendo comigo agora por eu não ser nem negro, nem homossexual, nem do sexo feminino.’ Você tá me subjugando por causa disso, tá tirando o meu mérito de luta por conta disso. Ela falou ‘ah você é um merda,’ começou a xingar, e falou ‘eu luto pela legalização da maconha por tanto tempo.’ Eu falei ‘tudo bem, eu não tô desvalorizando essa luta (rindo), isso aqui é uma outra luta e você deve respeitar a nossa luta aqui, se quiser parte, faça parte mas respeitando o que o coletivo decidiu.’” (Guto, Entrevista 2010)

Guto constatou que simplesmente não os deixaria entrar. Começou uma confusão, ele diz que ela lhe deu um chute no joelho. Enquanto isso acontecia, um homem entrou na discussão. Este homem, chamado de Gaudino⁵⁸, se denominava, um documentarista, artista, intelectual e doutor. Nas palavras de Guto, Gaudino começou a tentar “ganhar pelo currículo”, frisando que Guto era um aluno de graduação e ele, um doutor. Estavam em diferentes níveis intelectuais. Guto respondeu que colocava ele para fora do mesmo jeito e se posicionou em frente à porta.

Os dois continuaram a afirmar que iam beber dentro da Câmara. Depois decidiram que iam entrar bebendo e nus. Começaram a se despirm. O tempo passou, os manifestantes confusos

⁵⁸ No dia 27 de abril de 1997 o índio Galdino do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe foi assassinado em Brasília quando atearam fogo nele enquanto estava dormindo. A semelhança entre os dois nomes é coincidência, Gaudino é o nome próprio do manifestante.

sem saber o que fazer. Enfim, os dois decidiram se vestir, disseram que era brincadeira, e foram embora xingando.

Guto, desequilibrado emocionalmente, voltou ao Plenário; informou a todos os acontecimentos. Foi decidido que talvez seria melhor não deixá-lo sozinho e seu turno de vigília foi substituído. Eventualmente, Guto foi convencido a tentar dormir.

Álcool e Perigo

O mesmo homem que entrou em conflito com Guto depois entrou em conflito com Paíque. Paíque gritava que era o coletivo que tinha ocupado a CLDF, o coletivo que permitia a presença de todos naquele espaço. Aproximadas quinze outras pessoas tentavam conversar com Bruno. Ele simplesmente respondia que era um indivíduo, que nenhuma lei o proíbia de beber lá dentro, que ele tinha direitos. Segurava uma mochila que visivelmente continha uma garrafa.

Enquanto alguns participantes do movimento tentavam conversar com o homem, Antônio, revoltado, pegou a mochila e saiu andando com ela. Indignado que sua propriedade privada havia sido roubada, Bruno demandou como condição para qualquer diálogo que suas posses fossem devolvidas.

O pequeno grupo, depois de muito esforço, conseguiu levá-lo ao lado de fora. O convidaram para sentar e discutir suas opiniões. Ele se recusou a sentar, mas acabou sentando. Continuou recusando conversar até sua propriedade ser devolvida. Eventualmente Antônio trouxe a mochila a pedidos, com receio.

Diferentes grupos tentaram sentar com o homem e explicar porque era importante que não bebesse dentro da CLDF. À medida que um grupo ficava frustrado e ia embora, outro aparecia. Um deles, Tiago, Membro do Bicicleta Livre,⁵⁹ explicou a situação da seguinte forma:

⁵⁹ O Bicicleta Livre é um movimento fundado em 2007. Nas palavras de Tiago: ‘ele luta pela mobilidade sustentável e o acesso ao direito a cidade. Ele defende a bicicleta como meio de transporte, que tem todos os

“Eu lembro que tinha aquela história do álcool, a gente ficava sempre do lado de fora lá, fazendo porra nenhuma: fumando cigarro, esperando a polícia federal chegar, que nunca vinha. Volta e meia chegava uma galera de fora, e a gente falava, conversava. Só que o bicho chegou meio bêbado. Ai eu dei a ideia pra ele: entra na mochila, coloca a garrafa dentro da mochila, só que ele começou a esparrar mor. Ai veio todo mundo pra cima dele... Ai beleza.

A galera já tinha visto, tava todo mundo brigando com ele, e tentamos convencer ele a beber do lado de fora. Acho que eu até bebi com ele, foi uma tática diplomática. No início ele dava um discurso ‘lá é a casa de corrupto, até o presidente bebe cachaça, acho um absurdo não beber lá dentro, se é a casa do povo, todo mundo tem o direito de entrar’. Ai ele começou aquela história, aquela coisa de legitimidade: ‘você já atirou em alguém?’ O quanto ele tinha sofrido na vida, a gente nunca tinha pego arma na mão, a gente era playboy. Depois de um tempo eu fiquei cansado, fui trocar ideia com outras pessoas. Eu cansei de explicar pra ele que nunca matei ninguém, fui embora.” (Tiago, Entrevista 2011)

Enquanto isso acontecia, Thiago, da Assembleia Popular⁶⁰, tentava entender o que tinha acontecido. Ele tinha muito respeito Bruno. Prestigiava décadas de sua militância. “Essa parada de individualismo, isso não é dele não.” Mas concordava que não havia nada que podia ser feito agora. Antes de voltar para dentro do prédio, disse uma das frases mais marcantes da ocupação (a meu ver): “a verdade é que isso aqui é movimento estudantil. E eu não sou mais estudante.”

Assim como Tiago (do Bicicleta Livre) as outras pessoas cansavam de tentar convencer Bruno e iam embora. Um pequeno grupo passou a madrugada conversando com ele.

Bruno frisava sua individualidade como sendo soberana sobre qualquer decisão que o coletivo tomasse ou havia tomado. Frequentemente, começava a falar em uma língua estrangeira desconhecida (muitos suspeitavam que ele a tinha inventado) resmungando ‘*hamada hamedan hamam*’. Depois começava a ameaçar. Perguntava aos manifestantes se sabiam atirar. Se já tinham matado alguém. Ele sabia atirar com as duas mãos. Tinha “excelente mira”.

benefícios: saudável, popular, não feri os direitos de ninguém. O Bicicleta Livre ver a bicicleta como meio de transporte e não só como lazer, diferente da elite.’

⁶⁰ Assembleia Popular (AP) é parte de um movimento nacional de articulação de movimentos. A AP nacional surgiu das semanas sociais, tendo como objetivo construir um projeto popular para o país, lutando contra a perda de direitos sofridas por certos grupos e pela valorização de diversas identidades presentes no país (identidades indígenas, ribeirina, etc). A AP surgiu no DF a partir de um encontro em 2005 de diversos movimentos, se fundindo com outros grupos como O Grito dos Excluídos. Ela atua localmente como um espaço de articulação e organização de movimentos sociais.

Gaudino chegou durante a madrugada e começou a concordar com Bruno. Uma vez, Gaudino, antes das sete da manhã, acordou todos que estavam dormindo no Plenário, gritando ‘Bom dia VIETNÃ!’’. Muitos ficaram irritados, mas muitos acharam engraçado. A medida que Gaudino conversava com Bruno, este se acalmava. Eventualmente Frank, estudante e militante do PSTU, pegou um violão e começou a tocar. Os três começaram a cantar juntos ‘Eu quero é ver o o O-CO!’’.

O álcool era proibido dentro do Movimento Fora Arruda. A explicação dada por essa proibição era a ameaça da força policial. Por outro lado, a sobriedade é um dos elementos de *WUNC* que demonstra valor (TILLY, 2005). Assim, o consumo de álcool colocava a ocupação em risco e subvertia sua legitimidade.

“Deveríamos começar reconhecendo que situações morais não são fáceis de definir. Elas tendem a ser mais obscuras e contraditórias do que claras. É da natureza da regra oral ser geral, e a sua aplicação a um contexto particular deve ser incerto.” (MARY DOUGLAS, 1966: 130)

A transgressão do álcool se torna um problema maior devido à ameaça da força policial. Isso coloca inocentes, não praticantes, em perigo, consequência da ação. Nestas situações o problema se torna um debate de punição (MARY DOUGLAS, 1996). O dilema de Guto é a ausência destes mecanismos, pois um ato de violência era proibido pelo movimento. A violência ia contra os princípios do movimento, e assim violaria sua legitimidade e seu *brand*, a imagem que ele exporta para a sociedade. (TILLY, 2005 e LIBERATO, 2006). Assim, “o poluidor se torna um objeto reprovação duplamente perverso, primeiro porque cruzou a linha e segundo porque colocou outros em risco” (MARY DOUGLAS, 1996: 139).

O ato, o consumo de álcool, não é a transgressão. A união do que deveria ser separado, álcool e movimento político é a transgressão (MARY DOUGLAS, 1996). Guto mesmo afirma isso com a frase “eu não sou careta”. Isso abre espaço para uma ambiguidade, que pode ser vista nas ações de Tiago, primeiro na tentativa de acordo, escondendo o álcool, e depois quando ele bebe junto com Bruno do lado de fora da CLDF como uma tentativa de separação. O padrão original de não beber é danificado pela desordem (pessoas bebendo), mas esta desordem providencia o material para um novo padrão de conduta (beber do lado de fora da CLDF).

Assim a desordem mostra um potencial para ordenamento, de criação de novos padrões (MARY DOUGLAS, 1996).

A ambiguidade não se limita à implementação da regra. Existem também pessoas em estado marginal (MARY DOUGLAS, 1996). As pessoas que tentam beber dentro da CLDF são vistas como agentes poluentes, que contaminariam o protesto e colocariam os manifestantes em risco. Mas a figura de Gaudino, porém, não é de poluente. Ele participa dentro do movimento e dorme dentro da Câmara, porém o que é visto como suas excentricidades cria dentro de sua figura uma ambiguidade. É Gaudino que resolve os conflitos, primeiro quando ele sai com o grupo para beber e depois quando ele concorda e bebe junto com Bruno. Assim, a posição ambígua de Gaudino o permite, e de certa forma dá a ele o poder de resolução, o que tem semelhança com outras figuras ambíguas e marginais descritas por Mary Douglas.

Outro exemplo, diferente dos demais, pode ser visto no caso de Luiza. “Em ocasiões... que o indivíduo cruza a linha e humanos reagem evitando de uma forma ou de outra. A reação a conduta ambígua expressa a expectativa que todas as coisas normalmente se conformem aos princípios que governam o mundo.” (MARY DOUGLAS, 1996: 178). Luiza não viola as normas do movimento, mas o enfrentamento ao redor dos questionamentos dela tornam-na em uma figura ambígua dentro do sistema do movimento. A resposta a esta ambiguidade é o que ela mesmo descreve como um tratamento cauteloso em relação a sua pessoa.

Por último, é importante não perder de vista a dimensão prática dentro desta análise. Como os casos acima demonstram, pessoas alcoolizadas podem dificultar o funcionamento das atividades do movimento. Da mesma forma como é difícil ter uma conversa, política ou não, com alguém embriagado, é difícil ter uma assembleia com participantes embriagados. Isto não anula a interpretação simbólica e conceitual, mas é importante notar que esta não tem um poder explicativo que abrange toda a existência do movimento.

A Cadeira

A entrada da CLDF é basicamente um grande retângulo de vidro escuro, onde no centro dois retângulos menores, que formam as portas, se encontram. No início, uma dessas portas

quebrou, e este espaço serviu como a portaria durante a ocupação. Lá ficava uma cadeira de plástico e normalmente o indivíduo que fazia segurança sentava ali, bem ao lado da porta, olhando para o estacionamento.

À noite depois de uma assembleia, alguns manifestantes que conversavam escutaram o barulho de um objeto metálico acertando um grupo de plantas. Uma cadeira agora estava no meio de um dos pequenos jardins que decoram o interior da CLDF, e talvez vinte pessoas tentavam separar Antônio, vestindo uma camisa da Gaviões da Fiel⁶¹, e Pilha, que foi levado para o lado de fora do prédio.

À medida que a situação se acalmou, um grupo se reuniu do lado de fora do prédio para tentar reconstruir o que tinha acontecido. Pilha tinha dito algo para Antônio que o irritou, e ele revidou arremessando uma cadeira que por sorte errou. O evento depois se tornaria uma piada, a folclórica “cadeira voadora da CLDF”.

Pilha havia dito a Antônio “que nós éramos um bando de ‘pleibas, se nós fossemos ‘responsas’ estaríamos fazendo uma ocupação no Recanto ou na Estrutural. Disse que ‘ia queimar pneus nas ruas em frente à CLDF.’” De reconstrução, a conversa se tornou uma sessão de ódio ao Pilha. Ele era petista. Assessor da Kokay. Queria destruir a ocupação ou movimento. Etc.

Segunda-Feira

Ao amanhecer da segunda-feira um policial visivelmente embriagado apareceu em frente à CLDF e começou a conversar com os manifestantes da comissão de segurança do lado de fora. Descreveu toda sua trajetória dentro da polícia. O chefe de segurança da CLDF apareceu, rindo. Disse que o comandante do policial estava na sala dos seguranças, sem paciência para lidar com isso. Optou por deixar que a situação se resolvesse.

O policial contou que havia sido membro da Bope, mas não aguentou “a tortura”. Descreveu, detalhadamente, o que sofreu dentro da companhia, as ações na Ceilândia e no Recanto. Ele e os outros novatos eram chamados de “peitos-lisos”, eram forçados a passar por diversas

⁶¹ Antonio tinha várias camisas da Gaviões. Esta era diferente da que usava quando o conheci.

humilhações e agressões. Eventualmente ele não aguentou, voltou para a polícia “normal”, com os outros “peitos lisos”.

Uma hora conversa adentro, ele começou a cautelar e profetizar: os manifestantes iriam ser desocupados. “Era para a desocupação acontecer ontem, mas houve um problema. Vai ser pela tropa de choque da Bope⁶². O comandante será o Maj. Madureira, policial com perfil de “negociador”. Eles não querem tirar os manifestantes com violência, vão tentar negociar.

Um copo de café foi oferecido ao policial, ele aceitou. Depois de mais cautelas e descrições detalhadas, foi embora. Os manifestantes continuaram conversando, contemplando a veracidade das palavras dele, e quão estranho era tudo aquilo. Às sete horas da manhã, Antônio estava acordado, não havia dormido. Gaudino dormia em um caixão decorativo, propriedade do DCE desde o Fora Collor. Chamava isso de sua performance.

As equipes dos diferentes telejornais estavam começando a montar suas câmeras dentro do Plenário. Isto era problemático. Existe algo chamado de direito de imagem, e manifestantes não querem ser filmados ou fotografados dormindo no chão. Normalmente pedem que não sejam filmados até acordarem. O problema era que os repórteres precisavam estar prontos para a chamada dos jornais da manhã. E preferiam fazer a filmagem dentro do Plenário, o que não só violava o direito dos manifestantes, mas garantia que seriam acordados com as luzes e o barulho.

Em diálogo, os manifestantes que estavam acordados conseguiram convencer a maioria a esperar ou a filmar do lado de fora da plenária. A única exceção era o jornalista da Globo. Ele insistiu que ia filmar dentro do Plenário e que tinha o mesmo direito de estar ali que os manifestantes. Afirmava que não iria sair ou esperar e não havia nada que os manifestantes pudessem fazer sobre isso.

A intransigência do repórter da Globo afetou Antônio. Ele começou a ambular pela CLDF gritando. “Que movimento era esse que tomava ordens de um jornalista... da Globo.” Denunciava a ocupação. Dizia que se isso fosse uma ocupação de verdade, “da Gaviões”, os

⁶² Batalhão de Operações Especiais

jornalistas estariam do lado de fora, noticiando “os manifestantes estão trancados na Câmara a três dias, sem água, sem luz”. Gritava, botava as mãos na cabeça. Nenhuma tentativa de acalmá-lo funcionava.

Ao mesmo tempo em que manifestantes tentavam acalmar Antônio, ele buscou uma mesa e a virou em frente à porta. Disse que era sua barricada. Explicava que a assembleia havia deliberado que íriamos resistir até o final e era isso que íriamos fazer.

A manhã de segunda-feira continuou caótica. Um segurança demandou que a mesa fosse retirada imediatamente, o que aconteceu eventualmente. Depois de horas Antônio se acalmou perante um esforço coletivo. Foi levado à Avenida W3 onde pegou um ônibus.

Antes do Fim

Na tarde daquela segunda-feira, como havia previsto o policial alcoolizado, a polícia realmente tentou desocupar a CLDF. Centenas de pessoas foram à Câmara e, ao final, o comandante disse que não tinha efetivo suficiente para efetuar a desocupação.⁶³ Houve muita comemoração durante aquela tarde. Mesmo com o prédio ainda lacrado pela polícia, dezenas de manifestantes pularam por cima dos muros e entraram dentro do prédio. À medida que pessoas agregavam, dentro e fora da Câmara Legislativa, um clima festivo foi crescendo. Quando, enfim, foi anunciada a decisão do comandante, houve muita comemoração.

Dentro do Plenário, uma bandeira gigantesca do Brasil foi estendida, com as palavras “Educação e Progresso”, substituindo o lema tradicional. Eventualmente ela foi abaixada e pessoas pularam em cima dela, gritando e se abraçando, dançando. Isso eventualmente causou três mil reais em danos a bandeira.⁶⁴

⁶³ Durante a Ocupação da Reitoria da UnB a Polícia Federal foi ao local, mas decidiu após alguns momentos que não havia efetivo (polícias em numero suficiente) para efetuar a ocupação e nunca mais voltaram.

⁶⁴ O DCE da UnB pagou a conta depois.

Naquela noite, uma proposta foi feita aos manifestantes por alguns deputados distritais: o Plenário seria desocupado, viabilizando a retomada das sessões legislativas, enquanto o resto do prédio permaneceria sob ocupação. Os manifestantes dormiriam em um auditório secundário. Alguns, como o Rafael Madeira, viam isso como o primeiro passo para uma desocupação. Outros, como Matheus, achavam que a hora de encerrar a ocupação já tinha chegado: politicamente, ela já tinha rendido o que tinha para render. Já outros, como Alan, queriam criar uma onda de ocupações para inviabilizar o governo distrital.

A comissão de segurança se reuniu para avaliar a viabilidade da proposta, e ações a serem tomadas no caso de mais uma tentativa de desocupação. Alguns queriam resistir a qualquer iniciativa policial ativamente, com bolas de gude e sabão no chão, etc. Foi decidido que seria melhor os manifestantes se refugiarem dentro do Plenário: resistir ativamente a uma desocupação policial seria pedir para acontecer uma tragédia.

Com relação à proposta dos deputados, Rafael Madeira não gostou dela. Em seu relato à Assembléia, incluiu a seguinte frase “ao lado do auditório, há um portão para entrada de veículos, e somente um corredor que permite o acesso ao resto do prédio. Este pode ser bloqueado por um único veículo, de preferência um camburão. De ré.”

A assembleia foi talvez a mais tensa e divisiva da ocupação. Todos os “golpes” descritos anteriormente aconteceram: questões de ordem eram lançadas como um meio de garantir e interromper falas; pedidos de esclarecimento tornavam-se defesas de posicionamentos. Meses depois, Paíque opinou que se a polícia não nos tivesse desocupado, a ocupação teria implodido dois dias depois. Houve uma votação, e a proposta dos deputados foi aceita.

A votação foi seguida por um esforço coletivo de madrugada para limpar o local. Talitha, com um martelo em suas mãos, procurava pregos para consertar o pódio da plenária. Algumas peças de mobília haviam sido danificadas por jornalistas. Eles subiam em cima delas para obter um bom ângulo de filmagem.

Demissão

Antes de escrever sobre terça-feira, o último dia da ocupação, tem uma pequena história que quero contar, que tornou Guto uma figura lendária para alguns membros da ocupação. A rotina que ele havia desenvolvido durante a última semana era de passar a noite na CLDF, dormir durante a manhã e à tarde ir para seu estágio, voltando para a Câmara depois. No estágio, descobriu que a polícia havia fechado o prédio:

“Nesse dia, eu vi a notícia de que a Câmara tava fechada, a polícia tava pra entrar com a reintegração de posse e tudo mais, e eu fiquei agoniado no trabalho, porque pô, todos esses dias fazendo parte eu falei ‘não eu tenho que ta lá’ e compra essa luta. Eu falei com a minha chefe, perguntei se ela me dispensava um pouco antes, ela já tinha me dispensado outras vezes antes, tinha sido bem compreensiva até, mas nesse dia ela falou ‘não Augusto, nesse dia eu não posso te dispensar.’” (Guto, Entrevista 2010)

Guto discordou da decisão de sua chefe. “Não era o estágio dos meus sonhos.” Informou que iria do mesmo jeito, o que resultou em sua demissão. Chegando na CLDF, pulou o muro e se juntou aos manifestantes.

Durante a noite de segunda-feira, a história começou a rodar pela ocupação, “teve um muleque que pediu demissão do emprego pra poder tá aqui”. Guto, por outro lado, vê sua demissão de forma mais simples: “Eu já tava pra sair há algum tempo.”

Desocupação

Cedo pela manhã de terça-feira, dia 15 de dezembro, Pedro, conhecido como Peixão, saiu da Câmara Legislativa rumo à UnB. Ele precisava entregar seu trabalho final de Antropologia Política. Quando voltou, viu meia dúzia de ambulâncias estacionadas ao redor da CLDF. Perguntou o que tinha acontecido. Nada. Tinham recebido ordens de irem até o local e esperar.

Quando entrou na Câmara, descobriu o motivo das ambulâncias. Centenas de pessoas apareceram para “assistir” a sessão. A origem desses observadores já foi sujeita à muita

investigação jornalística; a Folha de São Paulo noticiou que o transporte foi providenciado pela Administração Regional do Paranoá.⁶⁵ Em reportagem, um dos “Arrudistas” relatou que foram intimidados a aparecer e que eram instruídos a começar brigas, e perder.

Dentro da sala de observação, conhecida como Aquário, ocorria um enfrentamento. Os policiais legislativos decidiram fazer um cordão humano entre as partes, separando os dois lados. Mesmo assim, a sessão foi interrompida. Um homem, que instruiu que não se olhasse para ele enquanto falava, se identificou como “Rorizista”. Disse que era melhor para os manifestantes saírem do local o mais rápido possível, o outro lado queria briga.

Os ocupantes foram escoltados do Aquário pelos Policiais Legislativos, de volta ao auditório, rodeado por centenas de Arrudistas. Exceto por Gaudino. Confiante em seu dom artístico, ele decidiu permanecer, infiltrado na multidão.

Dentro do auditório, uma reunião foi feita às pressas. A comissão de negociação começou um longo processo de negociação com a polícia, enquanto outros manifestantes ficavam acucados dentro daquela sala. Uma TV foi encontrada e ligada. As imagens mostravam o Bope entrando no prédio pelas laterais. Muitos começaram a receber mensagens. Paíque recebeu uma de seu irmão: *“Paíque, não saia, tem uma multidão pronta pra linchar vocês do lado de fora.”* Mel recebeu outra de sua madrasta: *“Mel, foge, a polícia tá entrando no prédio.”*

O processo de negociação durou horas. Enquanto alguns manifestantes negociavam, Márcio, advogado, tentava com a OAB Nacional⁶⁶ uma ação jurídica para garantir a permanência do Fora Arruda na Câmara.⁶⁷ Depois de cinco horas de negociação, um acordo foi fechado: alguns manifestantes seriam carregados e outros sairiam a pé, a polícia não queria ter que carregar todos os manifestantes, devido ao desgaste físico. Os manifestantes seriam levados

⁶⁵ Folha de São Paulo *Empurrões e xingamentos marcam sessão da Câmara do DF* Márcio Falcão 8/12/2010 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u663409.shtml>

⁶⁶ Ordem dos Advogados do Brasil

⁶⁷ Marcio conseguiu essa ação, porém chegou na Câmara incríveis cinco minutos após a desocupação. Até hoje, ele ainda lamenta isso.

para dois ônibus, alugados por um sindicato, e transportados até a UnB. Nenhum manifestante seria levado à delegacia.

Com o acordo fechado, todos sentaram no fundo do auditório, juntos com uma equipe de televisão e alguns deputados distritais. Um grupo feminista reivindicou que as mulheres ficassem no meio e os homens ao lado, não houve discordância. Passados alguns minutos as portas se abriram e a polícia começou a entrar, puxando os manifestantes um a um.

A desocupação acabou acontecendo exatamente como o policial disse que seria. Foi feita pela tropa de choque do Bope, o comandante era o Major Madureira, e houve um longo processo de negociação antes. Do lado de fora, um corredor de policiais se estendia da porta da CLDF até os dois ônibus. De um lado, aqueles que tinham vindo apoiar o movimento, do outro aqueles que apoiavam o governador. Os manifestantes que entravam dentro do ônibus esperavam, escutando frases dos dois lados. Um os chamavam de heróis. O outro de maconheiros.

Fratricídio

“Esse movimento social [O Movimento Fora Arruda e Toda Máfia] se consolida durante a semana em que a CLDF permaneceu ocupada. A partir da convivência nesse espaço, mediando conflitos internos e estruturando o movimento em coordenadorias, fazendo ações para convidar a população a conhecer a ocupação e fazer atividades para fora da Câmara Legislativa contribuíram para a formação de uma identidade coletiva. Em outras palavras, essa vivência possibilitou o estreitamento de laços de solidariedade entre os militantes, que construíram coletivamente reivindicações e formas de agir para conquistar a pauta central do movimento, a saída do governador. Esse compartilhamento de interesses foi central para que se formasse essa identidade coletiva de movimento reconhecida entre os participantes e reconhecida pela sociedade.” (CARDOSO, 2011: 53)

Raul, conta um ditado-piada: “a esquerda só se une na prisão”. Ou em ocupações, eu suponho. A causalidade das tensões dentro da ocupações esta além desta monografia. O que pode ser apontado são influências que podem ter contribuído com este ambiente.

O Fora Arruda, por ter incluído vários movimentos e entidades políticas, possuiu uma heterogeneidade, de certa forma era um híbrido de diferentes movimentos. Movimentos híbridos, de acordo com Tarrow,

“...têm as virtudes de seus vícios. Lemas como ‘movimentos de movimentos’ fazendo um bom filme entre ativistas que valorizam a autonomia, mas, ausente mecanismos para controlar a base, organizadores podem ver seus apoiadores irem para todas as direções (...) pequenos grupos com pautas específicas podem ser desviados das metas mais amplas da organização.” (TARROW, 1998: 139)

É importante notar aqui que os movimentos híbridos que Tarrow analisa possuem uma dinâmica de organização e apoiadores que é ausente dentro do Fora Arruda. Acho, porém, que esta ausência de foco descrita por ele se transcreve bem no caso MFATM.

Não que estes conflitos sejam de qualquer forma específicos a movimentos como o Fora Arruda. Em *Demônios* Dostoiévski descreve uma reunião entre conspiradores que querem derrubar o governo Russo. O organizador da reunião, Pyotr Stepanovich, quer proceder logo com as ações que o grupo vai tomar. Os membros do grupo, por outro lado querem organizar a pauta da reunião. Mas já que não existe uma metodologia estabelecida, decidem que precisam votar no que será a metodologia. Mas a votação em si não está estabelecida como o meio legítimo de legitimar as ações do movimento. Então decidem votar se vão votar na pauta. Isto tem semelhanças com algumas assembleias que aconteceram dentro do Fora Arruda, onde haviam debates para decidir se um tópico seria votado ou não.

Estas divisões e fragmentações também não podem ser confinadas a movimentos de oposição ou à “esquerda”. O próprio exemplo do Arruda, seu desligamento partidário, mostra isto. O discurso de Matheus, sobre a divisa entre diferentes elementos conservadores dentro da base do ex-governador, também assinala isto. Nas palavras de Paíque:

“A direita tem matéria, materiais, tem terra, fábrica, meio de produção. Quando negocia e quando constitui unidade é a partir disso, mas a direita também tem muitas cisões internas. Não dá também pra falar só em uma direita, porque sociologicamente você vai ver que o DEM tem certo comportamento, mas certa parte do DEM tem um comportamento diferenciado. O PSDB... então assim, pegando nesses grupos. É claro que a negociação é pelo que se tem de material.

A esquerda passa a maior parte da sua vida, o que chama de esquerda, negociando, na verdade, ela passa dialogando sobre utopias e negociando gestão de lutas. Ou seja, a negociação concreta que seria da esquerda é oposição ou direção sindical que é a atuação dentro do sindicato, a negociação está do ponto de vista da influência. Outra coisa que se negocia é influencia daquele grupo no número de famílias acampadas, ocupadas e tal, potencial de organizar. Outra coisa é a expressão daquele grupo perante a sociedade, mesmo que ela seja fraquíssima atualmente, a expressão que ele tem perante a sociedade. Essas são as matérias que a esquerda negocia, essas coisas, então, por exemplo, no movimento autônomo, tinha uma aceitação grande em certa medida, mesma que se discordasse dele porque o movimento autônomo tinha uma prática consolidada de uma

memória de ação direta da cidade. Então por conta dessa memória de ações diretas, ele tinha uma moral para poder discutir com outros grupos. Agora, esse diálogo, ele não vai se expressar no campo das utopias, no campo das utopias você vai ter um Fratricídio constante. No campo das utopias você vai ter uma discussão ideológica sempre mais rígida, mesmo que nas práticas você vai ter uma disputa que se respeita, mas não quer avançar território sobre o outro.

(...) Então, em alguma medida quer se avançar sobre o terreno de uma entidade sindical burocrática. A entidade sindical burocrática ao mesmo tempo quer dominar as oposições sindicais para poder garantir uma estrutura de poder, mas essa negociação concreta tem uma relação tal qual um novo empresário e um velho empresário, um velho oligarca, são negociações também que podem se colocar. Então, a gente pode talvez, é uma maneira bem feia, mas localizar a esquerda dessa forma na sociedade, grupos de interesse e etc... Sobre a existência de uma esquerda, eu acho que existe uma esquerda enquanto uma referência de origem comum. Aí a situação torna-se ampla ou você pode situar de forma ampla ou pode situar historicamente, você situar de forma ampla, são os grupos que estão organizados por diferentes estratégias na busca por transformar essa sociedade em favor das camadas de baixo- a esquerda: tanto os grupos que mais realizam transformação do que falam essa transformação, quanto os grupos que mais falam sobre a transformação do que realizam a transformação.” (Paíque, Entrevista 2011)

Como já foi escrito acima, o estabelecimento de conexões entre diversos grupos e a formação de entidades é uma parte fundamental para viabilizar as campanhas de longo prazo de movimentos sociais (TILLY, 2005). Uma das consequências do estabelecimento destas redes é o que ambos Paíque e Raul descrevem como fraticídio. Divergências utópicas não são de fácil conciliação, como pode ser visto pelo embate que ocorreu em relação à reunião com Érika Kokay. Mesmo que nada tenha sido decidido naquela reunião, o simples fato de ela ter ocorrido foi visto como uma traição por Abayomi e Rafa Madeira, pois ela substituiria o princípio autônomo de “leis por nós mesmos”, a capacidade de auto governo, a favor de um sistema de representatividade, ou seja, a comissão de negociação estaria representando o movimento (LIBERATO, 2006).

Outra ponderação, é que se voltamos à caracterização que Skocpol atribui a visões liberais e comunistas do governo, ou seja, da arena política, podemos então ver o próprio movimento como possuidor destes elementos (SKOCPOL, 1979). É claro que o Fora Arruda não era um Estado, mas o que está em questão aqui é a relação dos manifestantes e os grupos e entidades políticas com o movimento.

Voltando ao exemplo das pessoas que queriam beber na CLDF, podemos ver que o movimento tinha a capacidade de padronizar a sociedade, de criar normas de conduta (MARY DOUGLAS, 1966). Estas normas eram legitimadas pela retórica do “coletivo”, foram decididas pelo coletivo e isto as dava um caráter coesivo e coercivo. Uma vez que grupos

políticos estavam embutidos dentro deste cenário, faz sentido que a assembleia, órgão máximo organizador do Fora Arruda, se tornasse uma arena-política entre diferentes visões políticas/utópicas (SKOCPOL, 1979).

É importante notar que Skocpol, em *Estado e Revoluções Sociais* descreve movimentos revolucionários. A visão e a relação de grupos que possuem uma agenda de tomada ou derrubada do poder estatal com o Estado é diferente de um movimento como o Fora Arruda, mesmo que alguns dos grupos que compuseram o Fora Arruda tenham projetos políticos semelhantes a grupos revolucionários.

Grupos autônomos são particularmente contrários a estas imposições políticas e ideológicas pois violam o princípio de “leis por nós mesmo” (LIBERATO, 2006). Assim, a referência ao movimento como Estado é descritiva e não literal. Em outras palavras, diferentes grupos construía uma relação dentro do Fora Arruda que o tornava uma arena política, e nisto vejo semelhanças à visão Estatal que Skocpol atribui às tradições liberais e comunistas (SKOCPOL, 1979).

Estes embates políticos, a disputa no Fora Arruda, que com frequência é caracterizada pelos manifestantes como uma disputa pelo movimento, teve um efeito desgastante incrível. Isto é o que Raul e Paíque chamam de “fratricídio”, a mudança do foco do conflito de um inimigo exterior (o governo, o Arruda) a um inimigo interior (os partidos, outros partidos, transgressores, etc).

Epílogo

Prisão

Uma das grandes preocupações do Fora Arruda, especialmente após a ocupação da CLDF, era aumentar a participação e mobilização do movimento, alcançando e dialogando com o maior número de pessoas possíveis. Vale a pena lembrar que números, e a demonstração de números, é um dos elementos de *WUNC* (TILLY, 2005) que caracteriza movimentos sociais. Insatisfeito com o número de participantes em seus atos, o movimento formulou vários planos para atrair mais pessoas. Um desses foi a tentativa de incorporar mais secundaristas dentro do MFATM. Escolas de várias cidades foram listadas por turno, e pequenos grupos do movimento designados a cada uma delas.

No dia 11 de fevereiro de 2011, Paíque, Matheus, Abayomi e Taíssa encontram Lenina em uma escola de Ensino Médio, em Taguatinga durante a tarde. Lenina, que já era parte do movimento, havia obtido autorização da diretoria da escola. O grupo passou de sala em sala, para conversar com professores e alunos.

A resposta dos professores foi positiva, todos permitiram que conversassem com os alunos. O professor de Sociologia⁶⁸ conversou por talvez quinze minutos. O professor de Física prometeu nota extra aos alunos que fossem a uma assembleia estudantil que estava sendo organizada.

Enquanto andavam de volta ao carro, seus celulares começaram a tocar. O Supremo Tribunal de Justiça do DF (STJ-DF) havia decretado a prisão preventiva do governador.⁶⁹ Enquanto atendiam e faziam ligações, incrédulos, notaram que a residência oficial do governador ficava

⁶⁸ Este, ao entrarmos na sala, começou a citar uma música. Abayomi completou a frase e identificou o autor, Chico Science.

⁶⁹ A razão pela prisão preventiva não era o escândalo da Caixa de Pandora, mas sim por uma tentativa de coagir uma testemunha. Outras cinco pessoas também tiveram suas prisões decretadas.

próxima de Taguatinga. Sem dúvida ou debate, partiram. Abayomi gritava pela janela do carro, “o Arruda ta preeeeeeeeeeeso”.

A entrada da residência do governador estava sitiada por viaturas, vans e carros de policiais e jornalistas. Ao chegar, alguns dos membros do Fora Arruda foram entrevistados, outros perguntavam, respeitosamente, aos policiais quando iriam entrar de camburão para prender o governador. Foi quando os portões se abriram e cinco carros pretos saíram em alta velocidade. “É o Arruda!” “O Arruda ta indo se entregar!”

Enquanto a carreata entrava na via EPIA em alta velocidade, Taíssa sugeriu que o grupo seguisse o governador. Correram de volta para o carro. Os jornalistas estavam fazendo o mesmo, dezenas de veículos perseguindo a carreata do governador até a Polícia Federal.

Quando chegaram ao complexo da PF, os seguranças disseram que não eram imprensa e não poderiam entrar. Após um processo de barganha, a entrada deles foi permitida. Do lado de fora do prédio, outros participantes do movimento, como Raul e Stifler chegaram. O Secretário de Transportes, Alberto Fraga, também chegou ao local, entrando direto no prédio. Raul o questionou à distância sobre o Passe Livre Estudantil.

Uma funcionária da Polícia Federal, após concluir uma coletiva de imprensa improvisada, informou ao grupo que teriam de sair do local. Raul prometeu que já estavam indo e aproveitou a oportunidade para perguntar sobre uma declaração feita pelo advogado do governador. Este disse que o governador era um convidado da polícia, pois o mandado de prisão ainda não havia chegado. A funcionária respondeu que, de fato, o mandato não havia chegado porém isso era uma technicalidade, o governador não poderia mais sair da sua sala.

Após esta conversa, os presentes marcaram de se reencontrar no DCE-UnB. A caminho, passaram por todas as entrequadras que separam a Polícia Federal (no final da Asa Sul) da UnB (Asa Norte). Abayomi continuava a gritar “o Arruda tá preso”. Paíque incorporou um personagem gago: “O-o-o homi, o homi ta ta preso”. “Ele não, ele não sai mais não”. Taíssa e Matheus só gritavam. Carros buzonavam, pedestres gritavam de volta. Três meses após a ocupação, o ex-governador Arruda estava preso.

Epílogos

“Eu não achava que ele ia ser preso véi. Eu não achava. E cada dia que ele tava na cadeia era tipo um dia a mais de vitória, porque, caraca, realmente ele tá preso, tá lá dentro, o advogado dele disse que ele estava em uma masmorra. Caralho véi, vem aquele cara falar que foi tratado a pão e água e que nunca imaginava de nenhum ser humano seria tratado daquela maneira sendo que ele tem um programa de televisão que fica mandando pobre e preto pra cadeia, ele fica rindo da cara dos cara. Falando tá vendo, tá vendo o que é barra pesada pra você amigo?”

Ver esses dois caras na cadeia, pra mim foi muito... eles não sofreram nem metade do que meu primo já sofreu, meu tio, minhas tias assim já sofreram na cadeia, mas ver os bicho lá dentro dá muita alegria. É saber que alguma coisa mudou, aconteceu realmente, que o poder foi abalado, que quem tá no poder foi abalado, não é nossa vitória ainda, mas a gente fez alguma coisa.

Vontade de falar pra todo mundo, uma coisa bem Paíque, viu, a gente era maluco (risos), tá aí, aconteceu, isso passa pela cabeça. Assim, véi, vontade de falar pra todo mundo. Caraca, tá vendo? Não é tão difícil, basta, sei lá, isso não foi nem 1% da população, 1% foi o Ficha Limpa, 1 milhão e 200 mil. Não foi nem 1% da população e fez uma diferença, foi lá e chamou a atenção, tá vendo? E se a galera comesse a fazer tudo isso?

“E se a maioria de nós fosse pra cima do congresso? Tocava aquela porra em chamadas, tranquilo, véi, tranquilo, saca? Se deixar levar um pouco pela raiva, pelo ódio e destruir um pouco construtivamente. Destruir, visando construir algo diferente depois, não só destruir. Direcionar a raiva, foi o coroamento de tudo que a gente estava sentindo, a frustração que a gente sente todo dia, todo dia a gente vai acumulando frustração.” (Abayomi, Entrevista 2011)

“Eu ajudei muito na campanha do Rafa Madeira, também no Plínio, e depois dele na da Dilma, são atuações bem diferentes, trabalhar com militância no Brasil é muito difícil. É difícil sobreviver disso. Eu faço direito, trabalhar com advocacia popular é muito difícil, vai complicando- a vida vai fechando essas possibilidades. Ai tem o resto, o que pode ser uma militância: gestão pública, ser gestor mesmo, fazer um link, trabalhar com conflitos, e não necessariamente só pelo dinheiro.

A partir de agora, eu to na ABIN,⁷⁰ desesperada para sair. Em breve eu sairei, vou ser chamada no TJ⁷¹. A ABIN- Eu precisava sair de casa e tal, tava na hora. Mas eu quero que o trabalho seja de militância, e no TJ, quero ir para uma área tipo violência doméstica, mediação de conflitos, que o que interessa. Não é o trabalho que eu gostaria, dos sonhos e tal, mas é uma forma de sobreviver que não anula a possibilidade de militar. Não é que trabalhar no serviço público anula, mas não é a militância que eu quero ter.” (Talitha, Entrevista, 2010)

“Quando eu tava na campanha do Agnelo, tinha um cara que era da juventude do PMDB. É, eu sei. Ai quando ia ter a votação do Ficha Limpa, ele chegou lá na Débora⁷² prometendo levar quatro ou cinco ônibus pra apoiar na votação. Chegou o dia e tava eu lá, o Stifler, o Choquito e nada de ônibus. Ai eu liguei pra Débora brincando e falei, então, cadê os ônibus? Ai a Débora brincando ligou pro cara e ele desculpou,

⁷⁰ Agência Brasileira de Inteligência. Talitha passou no concurso para a ABIN.

⁷¹ Tribunal de Justiça. Talitha também passou no concurso para o TJ.

⁷² Assessora da Erika Kokay

“-Pô, então não deu, teve um outra coisa bla bla bla e tal. Mas fica tranquila que a gente tá mandando uns caras lá pra proteger os moleque dos Rorizistas.

“Ai a Debora, brincando, falou:

“-Olha, mas tem cuidado pra eles saberem em quem bater, né?”

“E ele, rindo, respondeu:

“-É, eu sei que a gente apelou com os moleque durante o Fora Arruda. Mas fica tranquila que nós tamo no mesmo lado agora.

“Quando a Debora falou isso pra mim eu fiquei muito putto. A primeira coisa que eu fiz foi ir pro capitão da polícia e dizer, esses caras ai, fica de olho neles. Eu até sai da campanha por algumas semanas. Depois eu acabei voltando mais pro final.

“Ele é inimigo. Eles são inimigos. E quando rolar um escândalo de corrupção, vamos derrubar eles também. Mas não é só real-politik, eu realmente acredito que esse governo era o único que teria uma chance de começar a dismantelar o gigantesco esquema de corrupção aqui do DF. Mas quando rolar um escândalo: borá derrubar.”(Raul)

“Foi muito bom, teve ganhos que nunca ter visto antes: o Arruda ter saído, não que tenha sido só do nosso movimento. Acho que ajudou bastante. Era um movimento bastante heterogêneo, a gente conseguiu formar uma unidade para um objetivo, o que é bem difícil, juntar gente de diferentes partidos.

Eu participei da campanha do Agnelo, mas não muito pelo Agnelo, mas pra não deixar outros entrarem, como o Roriz- apesar que não gostei muito do Agnelo. Atualmente eu não sei se eu gostei muito dele mesmo, mas tenho certeza que é melhor do que seriam os outros. A experiência [de campanha] foi muito boa assim, porque você via disputas internas, que você nunca imaginava que existiam, eu tive uma outra visão de movimento: tem outros, nos movimentos, eles não estão lá pelo movimento. Tem muita coisa, por trás, que não tá lá pelo movimento. Eu já sabia disso, mas na campanha isso fica muito mais acirrado, mais claro

Eu formei. infelizmente não passei em concurso, apesar de estar estudando (risos). Não só mais do movimento estudantil, mas estou em busca de outros movimentos, sindicato etc. Não mais o estudantil- em busca de outros. Mas agora eu tô na busca de emprego, o que dificulta bastante as coisas (risos).” (Luana, Entrevista 2010)

“Talvez esse tenha sido o mais positivo: e estar naquele espaço deu uma nova mobilização, um novo dialogo entre grupos anarquistas, autonomistas, fóruns que queriam um espaço para dialogo e não estavam conseguindo o encontrar. Isso deu um espaço de debate e deliberação que muitos acatavam, por quatro meses, apesar de muitos irem lá para dividir e não queriam aceitar o outro lado, muitos viram aquilo como um espaço mais legítimo, de fazer ações diretas, resistência, se criou um espaço legítimo, que resultou no Brasília Outros 50,⁷³ que pra mim foi o desaguado político mais importante nos últimos anos na política.

Muitos entraram para a base governista, mas deu confiança para nós sabermos com quem e com quais grupos nós podemos confiar no futuro. A gente tem muitos preconceitos políticos na esquerda, anarquistas, autonomistas. Essa galera pode se conhecer melhor.

Eu acabei assumindo mais um mandato do conselho tutelar, já tô no final do segundo mandato, que é uma atuação bastante comunitária, de defesa da infância e dos adolescentes. Acabei concorrendo pelo cargo de deputado distrital, não para trazer um programa reformista, mas para poder divulgar a pauta socialista, para avançar em um futuro mais digno para as pessoas. A gente não conseguiu uma votação tão expressiva, mas tivemos a

⁷³ Brasília Outros Cinquenta foi um ato originalmente idealizado pelo Fora Arruda. O evento envolveu dezenas de grupos e movimentos, reunidos na Estrutural, durante o fim de semana, para debater tópicos, questões etc. O nome é simultaneamente uma critica ao aniversario de cinquenta anos de Brasília e a expressão de um desejo por uma nova política e um novo rumo para a cidade.

oportunidade de diálogo e exposição que não teríamos obtidos por outras formas. No que a gente estava pautando, questionar o sistema, é bastante difícil no que as pessoas estão esperando, que é pequenas reformas e ganhos imediatos. E continuamos a militar no PSOL, que não é uma plataforma perfeita, então a gente continua dialogando com outros movimentos para construir outros espaços, para poder construir algo mais unitário que respeite a multiplicidade de demandas e pontos de vista sem perder o foco que a gente acredita, que é construir uma sociedade socialista.” (Rafael Madeira, Entrevista 2011)

“Ver o Fraga entrando todo preocupado com o amigo dele. O Fraga também não ganhou e ele não apareceu nos vídeos, mas não ganhou como senador. Ele tava muito próximo. Caraca véi, o processo natural. Eu tava de manhã em casa pra baixo porque porra, Dilma com PMDB, Agnelo com PMDB, caralho, tudo isso pra isso. Só que realmente, se a gente para pra pensar um pouco, se a gente se propôs pra uma luta, a gente tem alguns objetivos, a gente cumpre esses objetivos, sai vitorioso. A gente não tinha objetivos... formou o Fora Arruda... o lance era topical, era aquele momento e acabou... velho, é muito importante saber quando acabar uma parada, não ficar sendo viúva de Fora Arruda, viúva saudosista da Fora Arruda. Saber que a parada era topical, saber que era aquilo e tava pra baixo, caralho, Dilma, Agnelo, pá... que merda.

Só que velho, a gente tinha um movimento, tinha objetivos, esses objetivos foram alcançados. Fora Arruda e Toda Máfia. Foi alcançado, acabou, por que não comemorar? Tem essa cultura na esquerda de ficar caçando derrota, porque o mundo não é maravilhoso a gente caça derrota pra ficar triste, como só a tristeza pode fazer a gente ir pra frente e continuar lutando.” (Abayomi, Entrevista 2011)

“Só uma coisa, que eu acho que a vitória do movimento Fora Arruda não foi derrotar o governador. A vitória do movimento Fora Arruda para as coisas que eu acredito foi o DF voltar a ter esquerda. Essa foi a vitória, não pelo Agnelo ser eleito, essa é uma derrota do movimento, digo que isso é uma derrota pro movimento de um ponto de vista objetivo porque esse governador está numa estrutura de cooptação, uma estrutura de dominação e tem um pouco mais de legitimidade do que teria Weslian, do que teria Fraga. Seria pior, não duvido, mas eu tô dizendo assim, o Agnelo ser eleito não foi uma vitória porque ele tem uma coisa que ela não tem que é a legitimidade social. Então, desse ponto de vista, o Agnelo é algo positivo, ok, mas não é uma vitória.

Objetivamente o movimento Fora Arruda pautou a sociedade, derrubou o governador e criou as condições para que outra pessoa que não tinha legitimidade no momento, não tinha um discurso público, social, que pudesse agregar pessoas, possibilitou que essa pessoa construísse um arco de alianças para ser eleito. E pautou a demanda institucional no DF por um bom tempo, isso o movimento fez, é um legado do movimento Fora Arruda. Não estou dizendo que isso é uma vitória, mas sim uma consequência, ou pode ser uma vitória também, mas a vitória mais importante foi o DF voltar a ter esquerda, voltar a ter organizações de esquerda, uma cultura de transformações sociais e tal, esse é o legado principal. Se o Agnelo cair esse legado não se desfaz. Esse é o ponto de vista, se o Agnelo cair isso pode criar como uma vitória, agora, se a cultura de esquerda for destruída, isso sim vai se uma derrota com tudo que o Fora Arruda construiu.

O que eu tô querendo dizer é o seguinte, o movimento nem foi vitorioso porque construiu, deu base para uma revolução social... isso não foi e nem deveria ser porque só um movimento social não tinha organização de base prévia, não tinha muitos objetivos de longo prazo, mas ele também não foi vitorioso por ter trocado um governo por outro. Que todas as pessoas querem ver como principal. Isso é uma consequência da... isso é uma vitória, não tem como qualquer pessoa dizer hoje que o Agnelo foi eleito se não por influência do Fora Arruda. Isso é objetivo, o movimento foi vitorioso também porque foi um dos pontos-chaves para acabar com um dos ciclos da política no DF, que é o ciclo do Roriz, para dar uma derrota quase fulminante nesse ciclo, que se esse ciclo vai ser construído, vai ser de outra forma.

Agora, ele foi o mais importante dele, o mais vitorioso dele, coisa que o Arruda poderia ter caído pelo esquema do Durval e isso poderia não ter ocorrido, ou seja, o que é mérito. O único e próprio movimento Fora Arruda, frente a todas as organizações, policial federal, mídia, justiça, todas as outras organizações que estiveram envolvidos nesse processo de derrubada dele é que ele conseguiu reconstruir a esquerda. Essa é a grande vitória dele, é uma vitória pequena que pode se desfazer no próximo momento, mas a grande vitória dele foi dar solidez, dar corpo a esses grupos que acreditam em mudança e transformação. Então, ele tem uma função sim mais utópica do que a função real. Função prática de estimular organizações e uma função utópica de mostrar que a transformação é possível. Isso é que ninguém tira do movimento.

O movimento reabriu a visão de um movimento de transformação possível e essa visão supera o Agnelo, o Agnelo... Ele supera um governo. É isso que ele tem de libertário, supera um governo, uma estrutura institucional. Sem essa estrutura institucional, ele consegue manter o discurso dissociado do que a estrutura institucional pode oferecer e que a demanda e que a demanda popular quer colocar. Conseguindo manter esse discurso dissociado, ele consegue fazer com que se a estrutura institucional não responde pode-se apresentar a demanda social em um novo ciclo. É isso que foi consolidado, acho que é a mensagem mais importante que a gente tem que pegar disso aí.

“E do ponto de vista político, e aquela análise, a abertura de um processo de diálogo, e o drama que foi para os autônomos as eleições passadas. O discurso foi muito ideológico, e as críticas ao Governo Lula foram apagadas, e o Agnelo, tudo que envolveu a eleição do Agnelo, a volta do Roriz, o PMDB, passamos por um período de reflexão, como remontar as bases do movimento que a gente faz, como construir outros poderes populares, e reformular e se organizar com calma, e não entrar em um debate sacana, entrar em um jogo sujo, que foi feito pra pegar militantes que surgiram no movimento, de inventar mentira etc.

Agora a grande diferença é que na sociedade a gente teve a ampliação, conseguimos dialogar com mais pessoas. Mas o estado teve uma coisa meio temerosa, porque o estado usou de seus mecanismos para enfeitiçar o povo, mas eu acho que esse feitiço vai durar pouco, porque a crise do DF não é só do Arruda. Tamo no meio desse processo.

Pessoas começaram a se envolver em uma série de grupos e coletivos, em movimentos e grupos, e isso pode ser visto como positivo, não só no estudantil e no plano, isso é uma coisa que essa geração trouxe pro DF. Projetos em várias áreas e utilizando essa cultura de lutas do movimento Fora Arruda pra tocar essas lutas. Isso não é uma grande mudança, porque se não for germinado, mas se não for trabalhado se burocratiza ou se despolitiza ou esvazia, se perde essa herança.

O Fora Arruda marcou este momento, que eu estava encerrando a militância e a graduação, estava encerrando o curso de Ciências Sociais e entrando no mercado de trabalho. 2010 Foi o ano que eu me inseri no mercado de trabalho. Eu passei no mestrado no final, que é uma outra relação, uma estrutura bem complicada enquanto pesquisador, você tá sendo moldado, esse é um processo que eu passei de junho pra cá do ponto de vista pessoal. Esse foi o período pós-luta, eu segui militando no Movimento Passe Livre, segui na luta do Cesare Batisti, que agora se encerrou, ele foi vitorioso, e segui no Movimento dos Trabalhadores Desempregados.” (Paíque – Entrevista 2011)

Comentários Finais

Metodologia

A maior influência metodológica desta monografia veio do conceito de etnografia popular desenvolvido por Antonádia Monteiro Borges (Borges, 2009). “O trabalho de campo deve ser entendido, por esse princípio, como um trabalho em equipe, no qual o acadêmico é apenas um —e talvez sequer seja o mais interessado, em compreender o que se passa à sua volta.” (BORGES, 2009). Em particular a noção da etnografia como um trabalho em equipe foi para mim muito importante.

Devido às peculiaridades desta monografia, e seu caráter retroativo, não sei se ela pode ser encaixada nos mesmos moldes de outras etnografias populares. A tentativa era de construí-la em conjunto com outras pessoas envolvidas no movimento, e de dar espaço às suas opiniões dentro do texto. As limitações a esta abertura, por exemplo à escrita, ao produto final, passam por mim, o autor. Não sei se é possível resolver este problema dentro do formato de uma monografia, pois esta possui um caráter avaliativo. Este caráter avaliativo é regulamento por normas (éticas, acadêmicas etc) e estas criam limitações a participação dentro do texto por outros.

Uma tentativa de fazer desta etnografia um trabalho em equipe como explicitado por Borges foi dentro das falas. Não tanto pelo número de falas, mas pela relação do texto com as falas. Por exemplo, a explicação de Ariel Folina sobre a reintegração de posse. Considerando que Ariel sabe mais sobre reintegração de posse e a esfera jurídica do que eu jamais saberei, optei por transcrever a fala dele integralmente. A primeira razão foi que ele simplesmente que ele conhece o assunto melhor do que eu e sabe explicá-lo melhor. A segunda razão foi de dar a ele um espaço para comentar sobre o assunto. “E talvez sequer seja o mais interessado, em compreender o que se passa a sua volta”: reintegração de posse não é um foco desta monografia, mas é parte (infelizmente) da realidade de muitos movimentos sociais e é parte da participação de Ariel em movimentos sociais. “Por ora tenho plena convicção que devemos

estar absolutamente atentos —quando envolvidos em uma etnografia popular— para o como e o quanto pesquisam nossos anfitriões” (BORGES, 2009).

Outra tentativa foi de utilizar a produção acadêmica feita por pessoas que participaram do movimento Fora Arruda. Ambos Alan Scvarzberg e Raul Pietricovsky Cardoso escreveram monografias que lidam com temas desta monografia. A monografia de Alan lida com a construção do Setor Noroeste feita pelo *Correio Braziliense* e a de Raul, com a formação do Movimento Fora Arruda. No caso de Alan sua produção lida com um fenômeno que considero ser parte do processo da construção da narrativa sobre o Governo Arruda, antes do escândalo Caixa de Pandora. Já Raul aborda mais os processos que levaram a formação do Fora Arruda, começando pela ocupação de Reitoria. Vejo eles como meus anfitriões e optei por utilizar os textos deles aonde pude, talvez em alguns casos em detrimento a autores mais estabelecidos.

O Homem do Submundo

Chernyshevsky era um escritor radical russo durante a era Tzarista. Em 1863, ele publicou um livro chamado *O que deve ser feito?*. O protagonista, Lopukhov, era descrito como o tipo de sujeito que jogou um oficial satisfeito-com-a-vida e bem vestido em um poço lamacento, por este esperar que Lopukhov, mal vestido, cedesse espaço para que ele passasse pela calçada.

Dostoiévski entendeu muito bem a importância de Lopukhov, sua importância política, econômica, moral e social, especialmente dentro do contexto da Rússia Tzarista escravocrata, onde servos e vilarejos eram considerados propriedade dos aristocratas. Mas a sua pergunta era “Que tipo de pessoa é essa? Que tipo de pessoa, que psique funciona deste

modo?”. Sua resposta veio no livro *Notas do Submundo*, por meio de personagem O Homem do Submundo. Um homem tão obcecado pela sua própria insignificância, que passa a vida toda se preparando para uma colisão catártica, épica, na calçada com alguém que o ignora. Um homem cuja cosmologia, cuja própria vida revolve ao redor da expectativa e do desejo de sofrer violência.

Eu tentei, ao longo desta monografia, refletir e transmitir ao máximo as preocupações e opiniões dos participantes do movimento. Mas a maior preocupação, desde o início, sempre foi com os próprios manifestantes, e menos com os ideais. Quando falei sobre o Homem do Submundo para Abayomi, ele respondeu da seguinte forma:

“Interessante. Eu me sinto igual a esse cara aí, que você está falando, bastante. Tipo, eu fico muito feliz quando dá escândalo assim (risos). Caraca véi, é aquele lance, eles tratam a gente igual a palhaço, então beleza, então eu quero ver o circo pegar fogo. Foi mais ou menos. Ah, o Antônio que mora comigo, ele falou o cara, não sei o que lá, ele constrói, o outro só... tipo assim, o filósofo constrói, o cara que é político se aproveita e você vai fazer o que? Eu sou o palhaço, quero ver o circo pegar fogo e mais nada, assim, eu acho. Aí o lance de ter escolhido essa forma de atuação política porque você é excluído tanto, da direita da sociedade você já é posto de lado, aí dentro da esquerda o Marx já chamava a gente de Lumpen, saca?

A galera que eu ando, assim, é o Lumpen, o proletariado só tem os filhos para trabalhado e o Lumpen proletariado não tem nem isso, é bêbado... eu só consegui formular isso há muito pouco tempo mesmo, mas eu percebi que nessa análise os negros se encaixam no Lumpen proletariado, a Mixa que é lésbica que mora comigo se encaixa no Lumpen proletariado, amigos que sejam gays, que sejam alcoólatras. O meu tio é Lumpen proletariado, o meu primo é Lumpen proletariado, o proletariado seria assim, só tenho a mão de obra, mas é trabalhador, vai pra igreja, quer construir uma sociedade, é positivo. Eu penso, véi, eu me encaixo no Lumpen

proletariado, então que se foda, eu não vou ficar implorando para ninguém para me encaixar na sociedade. Ficar implorando migalha, vou me comportar direito e então vocês no futuro se sobrar espaço vocês pensam em mim, formulam política. Sei lá véi.

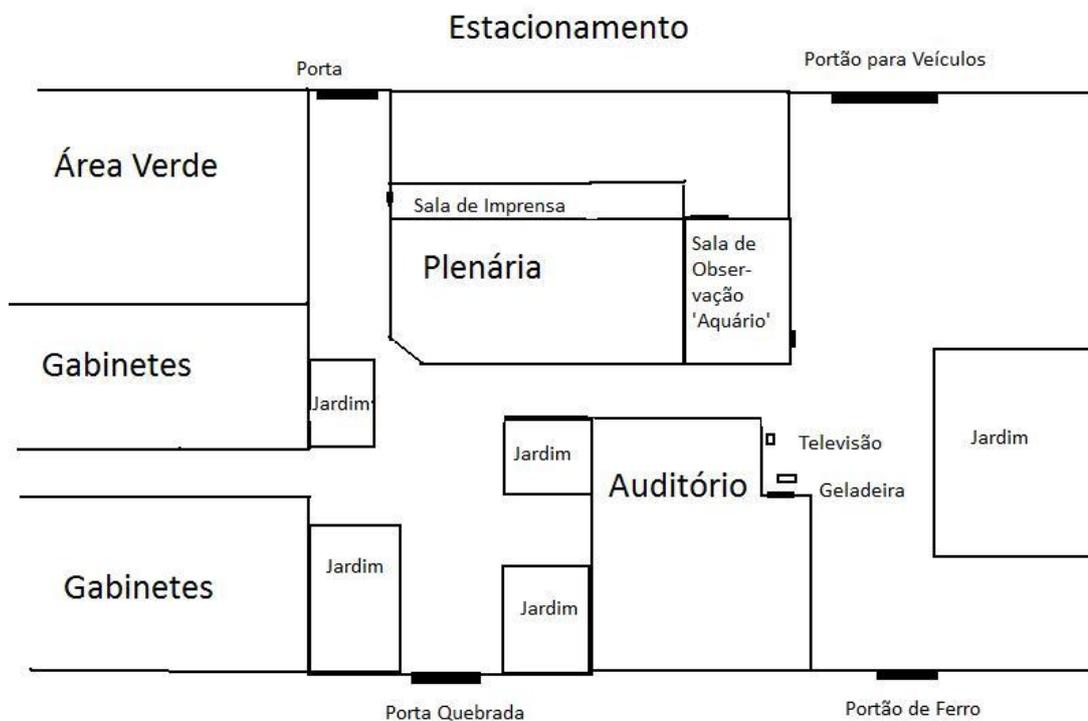
Se eu vou criar um espaço para mim assim, diferente, separado e vou ter muita felicidade quando eu tiver a chance de xingar esses caras, bater, tacar pedra, meter o pé na porta e me divertir em cima da desgraça deles. São dois objetivos, é destruir esse sistema totalmente e outro e criar outra parada diferente, mas eu não vou ficar igual uma sociedade hippie, querendo construir um lugar de paz e amor e esquecer desse, não vou, toda vez que eu puder voltar aqui e dar um cuspidão, eu vou voltar com muita vontade.” (Abayomi, Entrevista 2011)

Não creio que Abayomi seja o único a se sentir assim, respeitando, claro, que todos temos nossas trajetórias e personalidades. A maioria dos manifestantes que eram estudantes universitários durante o Fora Arruda se formaram. Mas continuam participando de movimentos sociais, continuam tendo uma participação política, da forma que melhor combina com suas vidas.

A minha preocupação continua sendo a mesma: que pessoas estamos nos tornando. O Fora Arruda como organização acabou, mas novos conflitos surgiram; novos movimentos se formaram ou se fortaleceram; novos governadores tomaram posse. O que permanece são as relações, pessoais ou entre grupos, criadas durante movimentos como o Fora Arruda e outros movimentos que ocorrem pelo Distrito Federal. Se por um lado a ameaça do Homem do Submundo existe (e eu acredito nisto), de nos tornarmos obcecados pela nossa própria insignificância, por outro lado existe a possibilidade do que Abayomi descreve como “criar um espaço para mim...

diferente, separado”. Seja profissionalmente, seja no mundo acadêmico, seja casando e tendo dois filhos, correndo atrás de um cachorro imaginário enquanto contemplamos que um dia, sim, nós também já fomos jovens.

Apêndice I- Mapa da Ocupação



Apêndice II- Organização do Movimento Fora Arruda e Toda Máfia

O movimento era organizado por comissões. Os membros de cada comissão eram encarregados de se reunir, organizar, planejar e executar suas tarefas. É importante notar, porém, que as tarefas das comissões não eram excludentes a outros, em outras palavras, não era necessário ser membro da comissão de logística para providenciar alimentos.

Comissão de Logística- Limpeza, alimentação, Obter materiais etc.

Comissão de Segurança- Vigiar a entrada do prédio, prevenir acidentes, analisar possíveis ameaças ao bem-estar dos manifestantes, lidar com conflitos.

Comissão de Comunicação- Divulgar o movimento e sua pauta pela mídia (seja ela grande ou independente), redes sócias etc.

Comissão de Negociação- Formada por membros de outras comissões, quando a necessidade surge. É importante notar que a comissão de negociação não tem poder deliberativo, qualquer decisão ou acordo precisa primeiro ser aceito pela assembléia.

Comissão de Mobilização- Formada após a desocupação para agregar mais pessoas e organizações ao movimento.

Bibliografia

AMATO, Fábio. Na contramão do Brasil, DF vê desigualdade crescer, diz Ipea **G1.com.br** 20 abr 2011 <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/05/na-contramao-do-brasil-df-ve-desigualdade-crescer-diz-ipea.html>

ANNA, Chico Santa. Cobertura do CB tem sujeito oculto **Observatório da Imprensa** 1 dez 2009
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/cobertura_do_cb_tem_sujeito_oculto

Atarde. Arruda ameaça DEM e diz que não deixará o partido 1 dez.2009
<http://www.atarde.com.br/politica/noticia.jsf;jsessionid=739CA213B3D12A7B5F62C3F8F5771F59.jbosstosh1?id=1297405>

BERNARDES, Adriana. Arruda e Fraga são acusados de inchar sistema de transporte sem licitação **Correio Braziliense** 5 mar 2011
http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/03/30/interna_cidadesdf,245424/arruda-presta-depoimento-sobre-fraude-no-transporte-publico.shtml

BORGES, Antonádia Monteiro. 2009 *Explorando a noção de etnografia popular: comparações e transformações a partir dos casos das cidades-satélites brasileiras e das townships sul-africanas*. Cadernos de Antropologia Social, Vol. 29: 23 - 42.

BORGES, Antonádia Monteiro. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Um Estudo sobre a Fabricação do Social. *Mana* [online]. 2001, vol.7, n.2, pp. 197-200. ISSN 0104-9313.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132001000200010>.

Brasília em Tempo Real. Pesquisa destaca aprovação de 74% da população do DF para Arruda 1 maio/2008
<http://www.emtemporeal.com.br/index.asp?area=2&dia=01&mes=06&ano=2008&idnoticia=53454>

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL Processo Legislativo- PDOT. Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal, , <http://www.cl.df.gov.br/cldf/processo-legislativo-1/pdot>

CAMPOS, Ana Maria. Cúpula do DEM aprova a chapa pura em 2010 **Correio Braziliense** 20 out 2008

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/11/20/interna_cidadesdf,155865/index.shtml

CAMPOS, Ana Maria e PIRES, Luciana, Cada voto ao PDOT teria custado R\$ 420 mil **Correio Braziliense** 20 dez 2009.

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/12/20/interna_cidadesdf,162070/index.shtml

CARDOSO, Raul Pietricovsky. *A Ocupação da Câmara Legislativa do Distrito Federal e a Formação do Movimento Fora Arruda*. 2011, Brasília, Universidade Nacional de Brasília.

CHAVES, Christine Alencar. 2000. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Um Estudo sobre a Fabricação do Social*. Rio de Janeiro: Relume-DumaráUFRJ. 446 pp.

Congresso em Foco. Evangélicos e PSOL pedem impeachment de Arruda. 2 dez 2009

<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/evangelicos-e-psol-pedem-impeachment-de-arruda/>

Correioweb Novo Centro Administrativo do GDF 2008

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=585217>

Diário do Nordeste Arruda sai do DEM e não será candidato 11 dez 2009

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=704331>

DOSTOYEVSKY, Fyodor. 1872 *Demons*. Trans. MAGUIRE, Robert A. London: Penguin Classics. 842 pp.

DOUGLAS, Mary. 1984. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge and Kegan Paul

FALCÃO, Marico. Empurrões e xingamentos marcam sessão da Câmara do DF **Folha de São Paulo** 8 dez 2010 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u663409.shtml>

FESTINGER Leon; RIECKEN, Henry W.; SCHACHTER, Stanley, 1956. *When prophecy fails*, (pp. 193-215). Minneapolis, MN, US: University of Minnesota Press,

Folha de São Paulo DF emprega mais comissionados sem concurso que União 26 dez 2009
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2612200904.html>

Folha de São Paulo Senador liderou operações abafa para FHC 25 maio 2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20319.shtml>

Folha de São Paulo Ex-tucano chorou quando trabalhava com Roriz 25 abr 2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u18910.shtml>

Folha de São Paulo Saiba mais sobre o Senador José Roberto Arruda 24 maio 2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20288.shtml>

Folha de São Paulo Entenda o caso da violação do painel eletrônico do Senado 10 set 2003
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u53269.shtml>

Folha de São Paulo Senador tucano liderou operações abafa para FHC 25 maio 2001
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u20319.shtml>

Folha de São Paulo Entenda o caso da violação do painel eletrônico do Senado 10 set 2003
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u53269.shtml>

GOIS, Fábio. Caixa de Pandora: DEM mantém apoio a Arruda. **Congresso Em Foco** 27 nov 2009 <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/caixa-de-pandora-dem-mantem-apoio-a-arruda/>

Governo do Distrito Federal Especial – Um semestre de ação 16 jul 2007
http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=51564

G1.com.br Governador Eleito Admite Demissões Para Cortar Gastos 17 out 2006
<http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes/0,,AA1314554-6290,00.html>

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam, 1988 *Manufacturing consent : the political economy of the mass media / Edward S. Herman and Noam Chomsky* Pantheon Books, New York :

HOBBSAWN, E. J., 1959. *Rebeldes Primitivos: Estudos de formas arcaicas do movimento social no séculos XIX e XX*. New York: The Norton Library

HONORATO, Carlos. Arruda fecha o ano com 76% de aprovação **BSB Estação da Notícia**
Arruda fecha o ano com 76% de aprovação 26/12/2008
<http://www.estacaodanoticia.com/index/comentarios/id/13361>

Jornal de Brasília, *Governo afinado é prático e ágil* 16 maio 2009
<http://comunidade.maiscomunidade.com/conteudo/2009-05-16/entrevista/4342/GOVERNO-AFINADO-E-PRATICO-E-AGIL.pnhtml>

LEITÃO, Mateus e HAIDER, Rodrigo., Arruda o político que jogou fora sua segunda chance, **IG Brasília** 2009
<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/prisao+de+arruda+tem+apoio+da+populacao+diz+pesquisa/n1237589025668.html>

LIBERTATO, Leo Vinicius Maia.. *Expressões Contemporâneas de Rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista*. 2006. Florianópolis, Universidade Nacional de Santa Catarina.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. 2006. *Na Era do Branding: O Movimento Passe-Livre*.
<http://dc366.4shared.com/doc/LaehklsX/preview.html>

MARTINS, Daniel. Brasília ‘não merece’ a eleição indireta deste sábado, diz Gurgel. **G1.com.br** 17 abr 2010 <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/04/brasil-ao-nao-merece-eleicao-indireta-deste-sabado-diz-gurgel.html>

PECI, Alketa et al . *Oscips e termos de parceria com a sociedade civil: um olhar sobre o modelo de gestão por resultados do governo de Minas Gerais*. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6, Dec. 2008 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003476122008000600006&lng=en&nrm=iso>.

PEDRO, WELLINGTON. Arruda quer aplicar no DF choque de gestão feito em Minas **Agencia Minas** 2006 <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/governador/9801-arruda-quer-aplicar-no-df-choque-de-gestao-feito-em-minas>

Radiobras Sinopse – Resumo dos Jornais Diversos 24 abr 2001

RANCIÈRE, Jacques. 2005 *Hatred of Democracy* London: Verso

SCHVARZBERG, Alan. *A Construção do bairro Setor Noroeste feita pelo Correio Braziliense: Uma análise do jornal a respeito do projeto, enquanto empreendimento imobiliário, projeto urbanístico, sócio-político e ambiental para a capital*. 2009 Brasília

SENADO FEDERAL, **portal digital do Senado Federal**

http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=46&li=50&lcab=1995-1999&lf=50

SKOCPOL, Theda. 1979 *States & Social Revolutions*. Cambridge: Cambridge University Press.

TARROW, Sidney e MEYER, David. 2001, *The Social Movement Society : Contentious Politics for a New Century*, Lanham, Rowman et Littlefield, 1998 ; Douglas Imig, Sidney Tarrow (eds) *Contentious Europeans : Protest and Politics in an Emerging Polity*, Lanham, Rowman et Littlefield,

TEIXEIRA, C. C. 2004. Decoro parlamentar : entre agressões morais e indisciplinas estratégicas. In : TEIXEIRA, C. C. & CHAVES, C. A. (orgs.). *Espaços e tempos da política*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará.

Terra José Roberto Arruda é eleito governador do DF 1 out 2006

<http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1168834-EI6761,00.html>

TILLY, Charles. 2005 *Movimentos Sociais 1768-2004*, Paradigm Publishers

Tribunal de Contas do Distrito Federal Forças ocultas por tras das vans Ed 1027, 2 ago 2008 a 8 ago 2008.

http://www.tc.df.gov.br/web/site/comunidade/-/asset_publisher/1M9p/content/forcas-ocultas-por-tras-das-vans?redirect=%2Fweb%2Fsite%2Fcomunidade